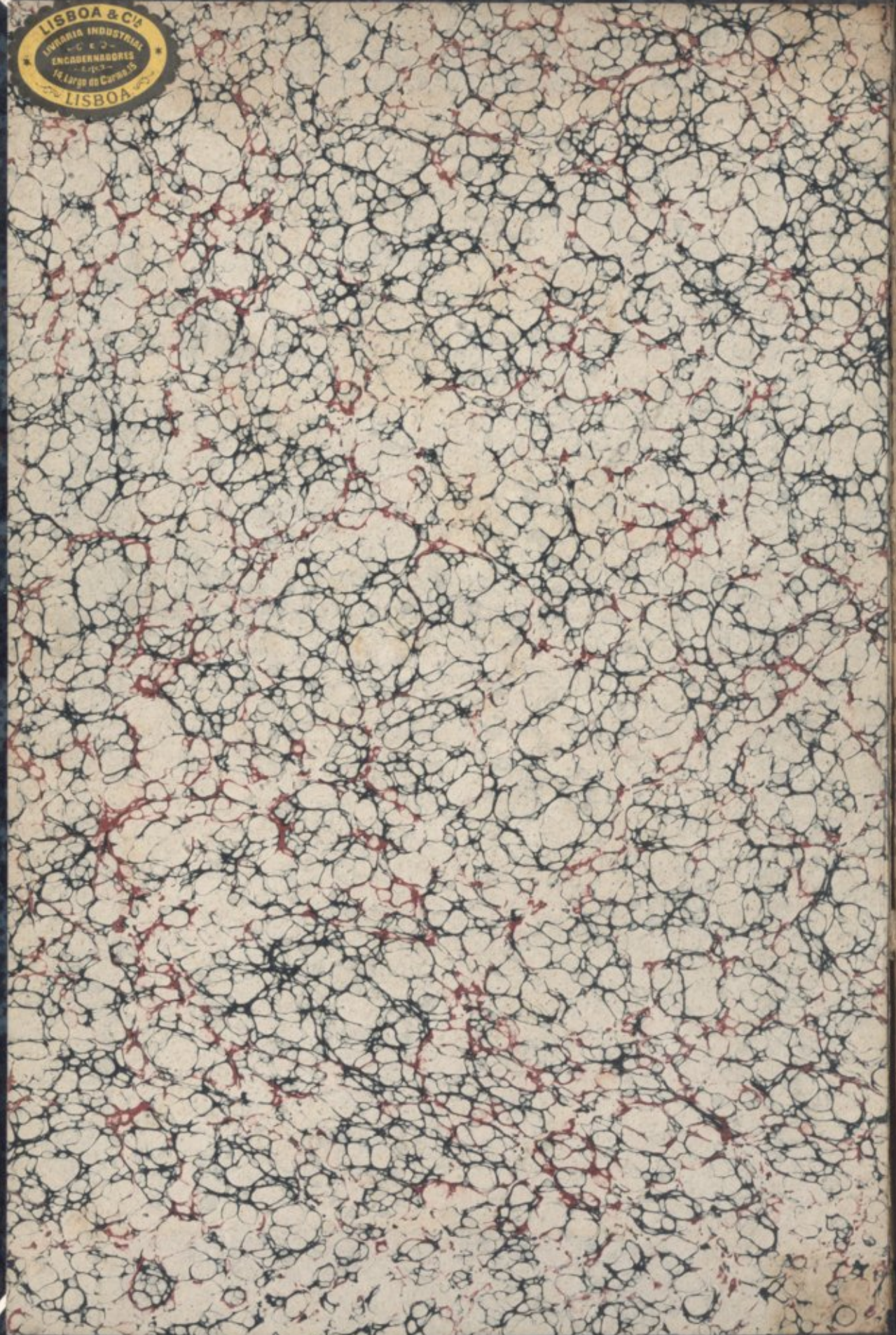
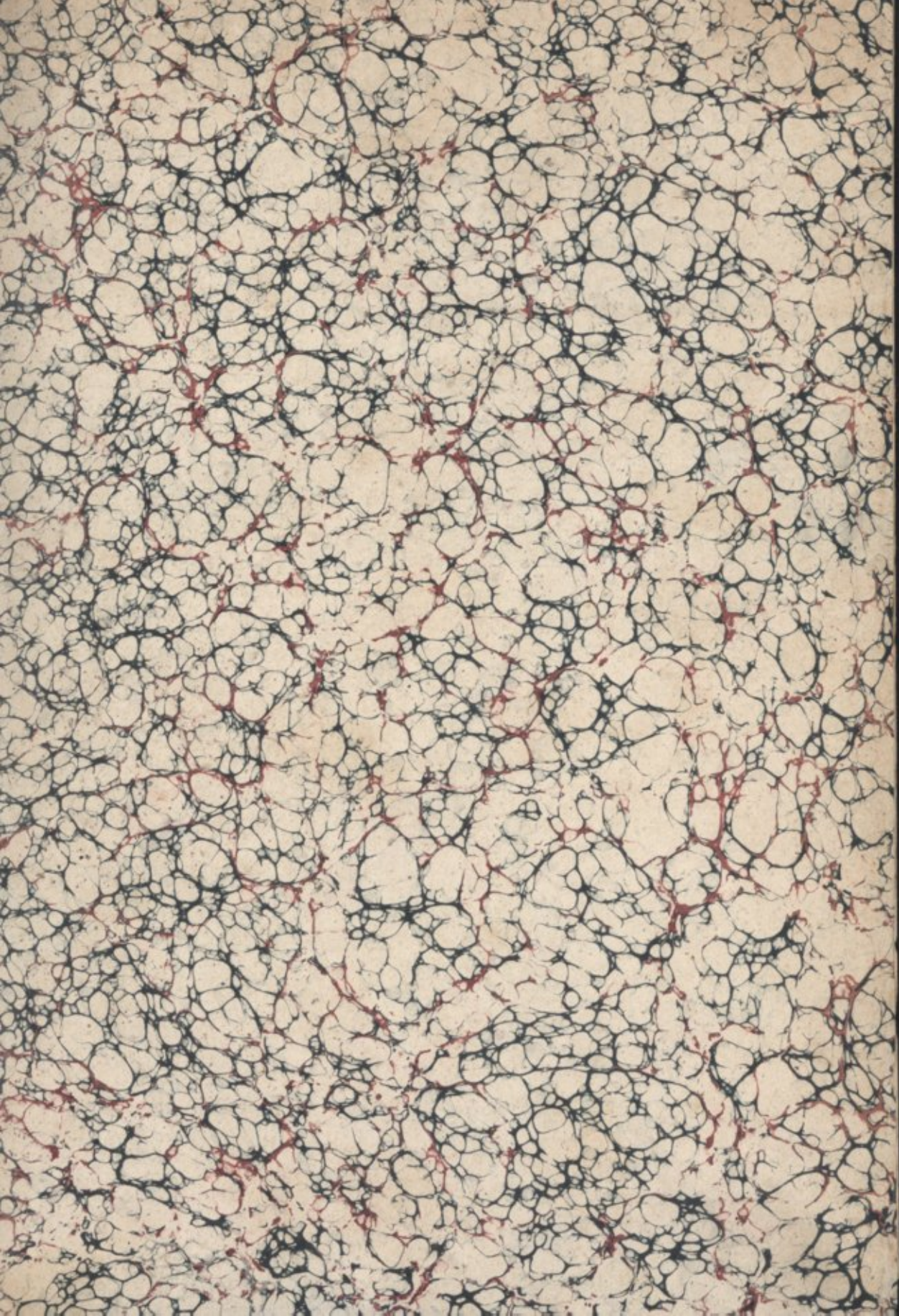
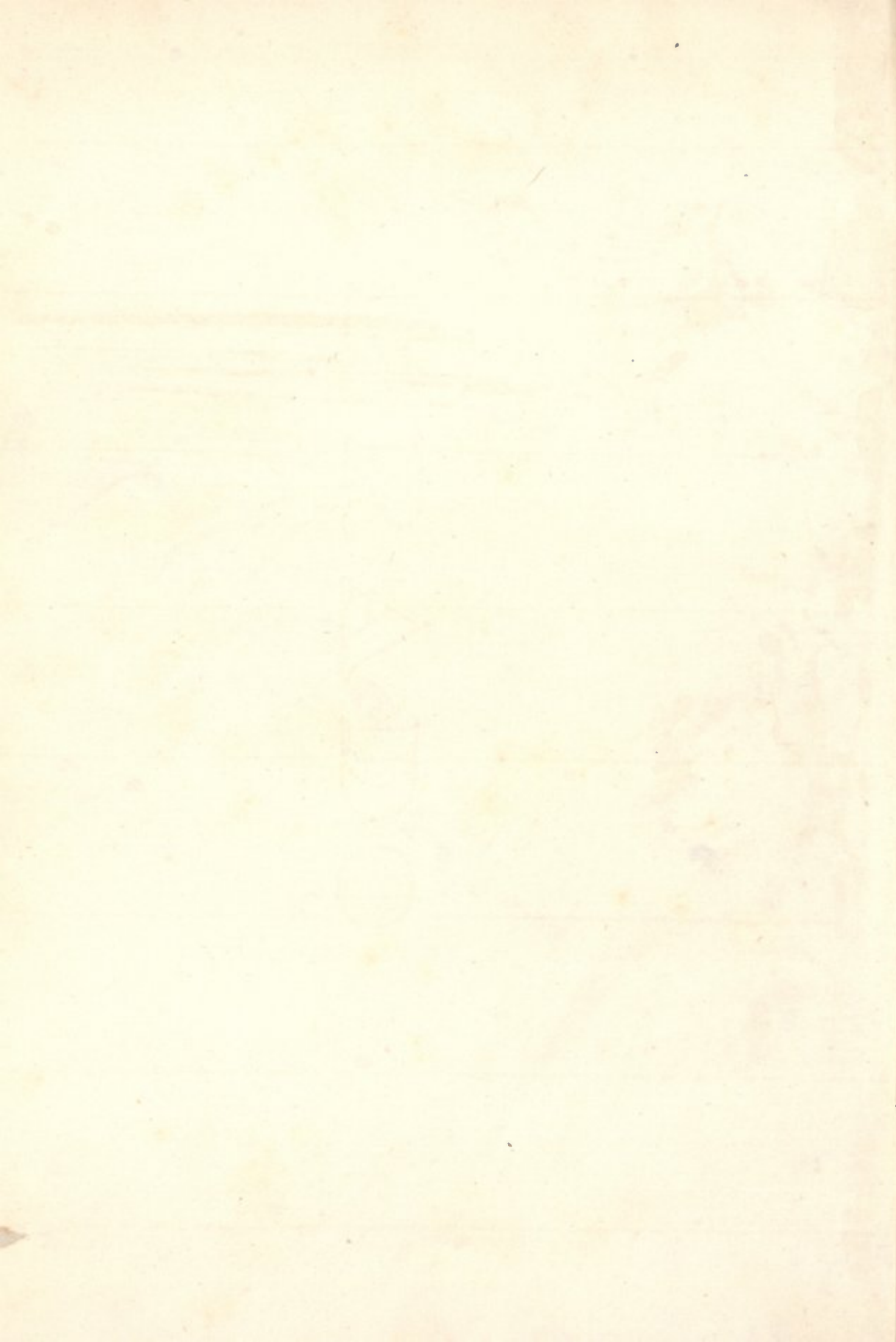


01

LISBOA & CIA
FABRICA INDUSTRIAL
ENCADERNADORES
14 Largo do Carmo
LISBOA







101

~~OK 104~~


ESTUDO SOCIOLÓGICO

101

~~CV, 104~~

*B. Bibliotheca Nacional
de Lisboa. Off.*

e Auctor



FRAGMENTOS D'UMA TENTATIVA
DE
ESTUDO SCOLIASTICO
DA
EPOPEIA PORTUGUEZA

PARA COMMEMORAÇÃO DO TRICENTENARIO

DE

CAMÕES

FRAGMENTOS

D'UMA TENTATIVA

DE

ESTUDO SCOLIASTICO

DA

EPOPEIA PORTUGUEZA

POR

G. de Vasconcellos Abreu

Bacharel em Mathematica pela Universidade de Coimbra, etc.
Socio da Sociedade Asiatica
e da de Anthropologia de Paris, da Sociedade de Geographia de Lisboa,
Lente de lingua e litteratura saõskrita
no Curso Superior de Lettras em Lisboa



LISBOA

LIVREIROS DEPOSITARIOS

Crus & C.^a, rua Augusta—Pacheco & Carmo, rua Aurea

1880

GLORIAS NACIONALES

Lidos publicamente
em a Salla da Sociedade de Geographia
em Lisboa
e noite de 4 de maio de 1880

EM HONRA
DAS
GLORIAS NACIONAES

e para commemoração da pobreza do grande epico
é feita esta publicação
para com metade do producto da sua venda
se subscrever para o levantamento
da

ESTATUA DE BROTERO

e com a outra metade ajudar
a educação de duas innocentes creancinhas cuja mãe
succumbiu á dôr de perder o pae que
as amparava e era
por virtudes e trabalho
a sua riqueza

△

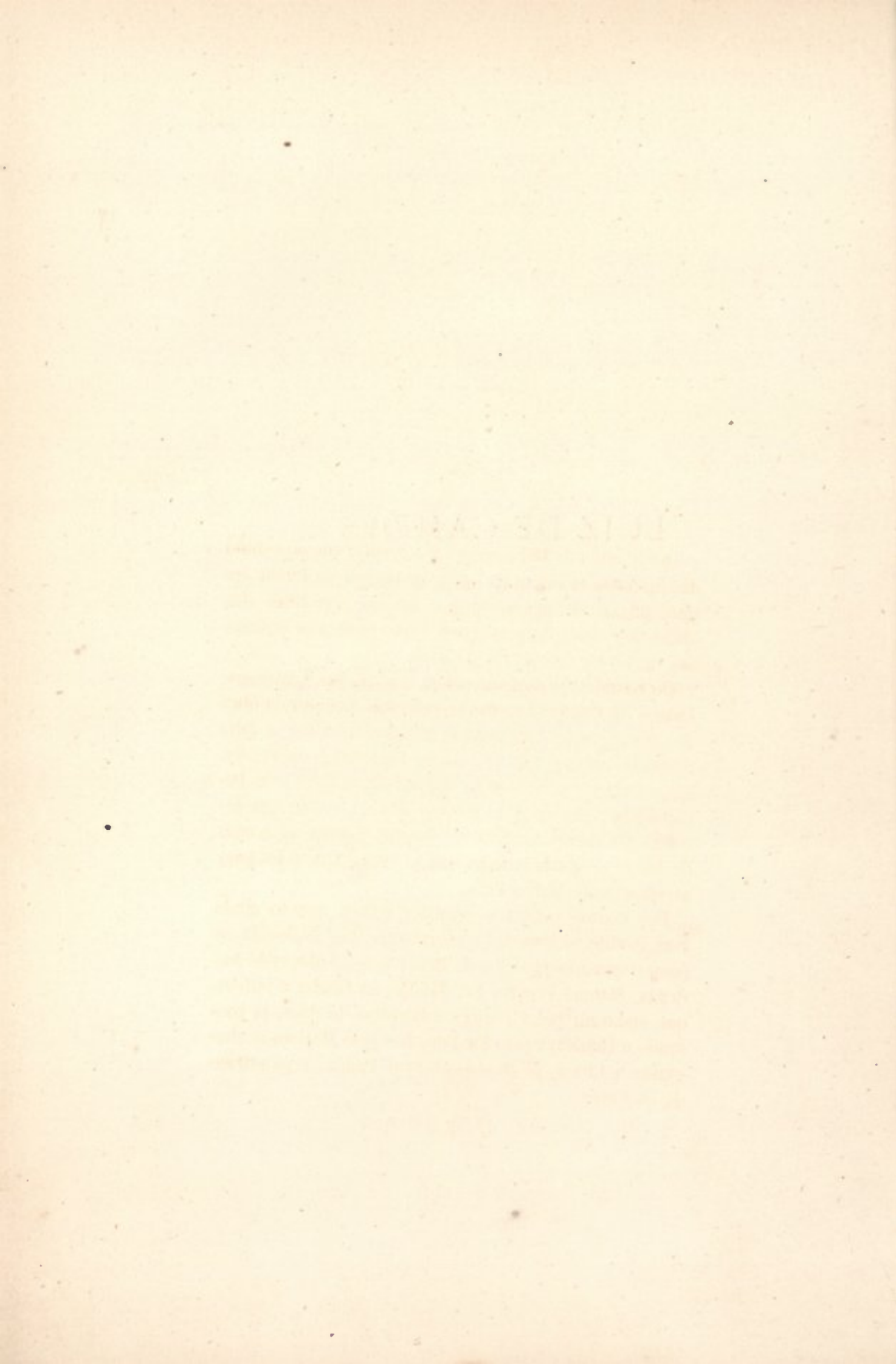
LUIZ DE CAMÕES

Fallecido em 10 de junho de 1580

«Que gloriosas palmas tecer vejo
Com que victoria a fronte lhe coroa.»

Lusiadas, 1.^a edição, Canto x, fol. 467 v.

10 DE JUNHO, 1880



Desde que em 1875 comecei a dedicar-me ao estudo das litteraturas orientaes, principalmente da hindú antiga, julguei de necessidade o apreço scientifico das obras dos classicos portuguezes que melhores noticias nos deixaram das terras da Asia.

Os commentarios deficientes, que alguns contemporaneos de Camões, e outros scoliastas, fizeram da obra do grande epico portuguez, assignalaram-me a falta d'aquelle apreço. E não só os *Lusiadas* o merecem, mas tambem os *Colloquios* de Garcia da Orta e as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto; e convem escolher na volumosa obra de Gaspar Correa as lendas de interesse real, e esclarecel-as como Yule o fez para as viagens de Marco Polo.

Dos nossos viajantes é mister colher quanto ainda está medito, e levantar á altura que lhes é devida os nomes quasi esquecidos de Bento Goes, Antonio de Andrada, Manuel Freyre, Fr. Tristão da Cunha e outros, que andaram pelas regiões inhospitas da Asia, já passando o Himálaya pelo Pir-Panjal, e pelo Mariam-la chegando a Lhasa, já atravessando o Pamir, e penetrando na China.

Do coração me consagraria eu a estes trabalhos se a fortuna, privando-me de meios de que para esse afdigado estudo carece o espirito, me não deixasse apenas, como á timida borboleta, azas que não são para vôo altivo.

Como a larva que, transformada, vem para entre as flôres batendo em adejos vacillantes as leves e mal seguras azas, eu sinto-me tomado de vertigem quando me transformo ao sol da sciencia, soltando-me do casulo escuro de obrigações penosas para o meu espirito.

Com afan, incansavel, labuto e lido com a pressa da maripoza, mas com o vigor de quem só por si ha de levantar um edificio, acarretando pedra e afeiçoando-a, aplainando toda a obra até chegar ao concerto total.

Pedra britada que salta d'esse afeiçoamento, e maravilhas que se juntam d'esse aplainar, são estes fragmentos amostras dos materiaes que disponho e não do fim com que os ordeno.

Lisboa, 1880.

G. DE VASCONCELLOS ABREU.

Na citação de textos transcreveu-se : r vocalico por r, nasal guttural por m, as palataes nh por n, teh por k, dj por g, as cuminaes por t, b, s, anusuára por m. Todas as palavras de texto citado vão impressas espaçadamente.

I

PEROLAS SOLTAS D'UM COLLAR

BOSQUEJO AUTO-BIOGRAPHICO DE CANÕES

TIRADO DOS

LUSIADAS

VICTOR MARCEL VARRÉ

Éditions de la Librairie de la Sorbonne

1924

Paris, Librairie de la Sorbonne, 1924

Á

MEMORIA

DE

VICTOR MADAIL D'ABREU

MEU PAE

Fallecido em 17 de maio de 1868

«... o nome illustre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado e caro.»

Lusiadas, II, fol. 28, v.

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

«Morrer nos hospitaes em pobres leitos,
Os que ao Rey e aa ley servem de muro,»

LUSIADAS X, fol. 164 v. da 1.^a ed. 1572.

é a condição fatal inherente a todos aquelles ho-
mens superiores, em virtudes moraes e de intelligen-
cia, ao meio social em que vivem. E Camões de quem
Manoel Correa disse era nas sciencias e nas artes mais
perito do que os seus professores; Camões que soube
tornar «illustre», fazendo-o um heroe,

ao

«.....Gama
Que para si de Eneas toma a fama»

L. I, fol. 3.

bem que nelle visse lhe «empedia a sciencia» o natu-
ral opposto ao de Cezar que

«Igoalava de Cicero a eloquencia»

L. v, fol. 95 v.

e ao de Alexandre que

«Lia..... a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira»

L. v, fol. 95 v.

Camões, a quem não cónspurcaram

«...na India eubiça e ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deus, e Justiça,.....»

L. x, fol. 170.

Camões, que immortalisou

«..... o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram :»

L. 1, fol. 1 v.

Camões que só por

«..... amor da patria, não movido
De premio vil : mas alto, e quasi eterno ;»

L. 1, fol. 2 v.

soube fazer com que extranhos duvidassem

«... qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rey, se de tal gente :»

L. 1, fol. 2 v.

Camões, que não quiz partir a lyra «destemperada»
nem calar

«..... a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que *vinha*
Cantar a gente surda, e endurecida.»

L. x, fol. 184 v.

Camões, que teve o «engenho acceso» no fôgo do seu
genio não em o «favor» que da patria mereceu e que
a patria lhe negou; Camões, cujos «desgostos» o foram
rapidamente

«..... levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno sono,»

L. x., fol. 162.

Camões morreu «em pobre leito,» elle que «ao rei e
à lei servin de muro» !

De todo o seu poëma a parte mais notavel pelo sentimento é aquella em que o grande Poeta expressa, em canto dolorido, o desfalecimento do animo a prophetisar-lhe a queda inevitavel da patria.

Ha nessas estrophes magnádas, não direi um echo das doutrinas buddhicas, mas semelhante melancholia dos Hindús, e qual doçura calma do Buddhismo, pela snavidade de terna não «apagada e vil tristeza». Mas ha nelle, tambem, a energia do sabio que prevê e do soldado que sabe morrer e chora, não a sua vida, mas a da patria que lhe esmagaram, e tantos annos viverá de seus cantares.

Mágnas e desalentos sentia, e poeta, com lagrimas que a alma afogam, descreven o sen pesado soffrer ; mas não o alquebrava este tormento, que se elle tinlia a «mente ás Musas dada» tambem tinha o «braço ás armas feito» e

Qual Canace que aa morte se condena,
Núa mão sempre a espada, e noutra a pena

L. vii, fol. 126

entre inimigos nos combates ia lêdo como os

«...que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes liões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a setas, a pilouros :
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo:»

L. x, fol. 183.

E enche-se de

«...hũa furia grande e sonora»

L. i, fol. 4 v.

empunha e embóca

«...a tuba canora e belicosa»

L. I, fol. 1 v.

E se terminando o poëma, como o começára invocando essa

«Maravilha fatal da sua idade.»

L. I, fol. 2.

mixtura o receio, o temor do vidente que prevê

«Alemães, Galos, Italos e Inglezes
Possam dizer que sam pera mandados,
Mais que pera mandar os Portuguezes.»

L. x, fol. 185.

todavia, com a modestia de sabio impellido pela sua paixão irresistivel, vae, bem que falle

«.....humilde, baxo, e rudo.»

L. x, fol. 186.

e diz ao rei com a acentuação do brio de soldado :

«Se..... o vosso peyto
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina;»

«Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante,
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem aa dita de Achilles ter enveja.

L. x, ultima pagina.

Camões tinha a certeza de que a sua Musa cantaria o segundo Alexandre, caso o moço rei portuguez tomasse empreza digna de ser cantada. Mas Camões não pôde esconder esse mais que vago presentimento, o temor que o estremece e irrita; porque elle é em meio da loucura da còrte, e no pelago de insanias e protervias, um dos raros homens de sãõ juizo, e integro coração, do qual se acercam os que d'elle em caracter se approximam; porque lhe não

«... falta na vida honesto estudo»

L. x, fol. 186.

e tem

«... um saber só de experiencia feito»

L. iv, fol. 77 v.; cf. x, fol. 186.

como o

«... velho daspeito venerando

«Que ficava nas prayas, entre a gente»

L. iv, fol. 77 v.

ali vinda para despedir-se dos que partiam, e alevantára a voz exclamando:

«Ó gloria de mandar ó vãa eubiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
Ó frandulento gosto, que se atiça
Cũa aura popular, que honra se chama :»

.....
.....

«Deixas eriar aas portas o inimigo
Por yres buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo
Se enfraqueça e se vaa deitando a longe :
Buscas o incerto e incognito perigo
Porque a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor com larga copia
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia.»

«Ó maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vellas pôs em seco lenho.»

L. iv, fol. 77 v.—78.

Estes não são por certo os accentos de

«... agreste avena, ou frauta ruda»

L. i, fol. 1, v.

mas trovêjo da tempestade

«Que o peito acende e a côr ao gesto muda.»

L. i, fol. 1 v.—2.

e prognostica o desabamento do

«Novo Reino, que tanto sublimarão

L. i, fol. 1.

esses

«..... barões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana.
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram, ainda além da Taprobana.

L. i, fol. 1.

Anathema aos que venderam as consciencias e trouxeram com o ouro das Indias a perfidia, e nos deixaram o fructo que tarde ou cedo colhe uma nação, porque

«Quem faz injuria vil, e sem razão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence, que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua, e inteira.

L. x, fol. 170.

Dava-lhe coragem para dizer estas verdades o seu character altivo, e desinteressado, o seu coração aquilataado que sabia resistir a todos os «novos trabalhos» a todos os «novos danos» em que a fortuna «o trazia peregrinando»

«Agora com pobreza avorreeida,
Por hospícios alheios degradado,
Agora da esperança já adquirida
De novo mais que nunca derribado,
Agora aas costas escapando a vida.»

L. VII, fol. 126 v.

Mas esta coragem e este desinteresse, este arrojo em dizer a verdade, criaram-lhe inimigos nos proprios que elle cantava, e que por não terem deshonestidade que nelle castigassem inventaram calumnias com que pela propria ingratiidão o escurecessem, jámais pelo crime procurado.

E que importa!? Nada vence aquelle peito forte que só quer o favor das Nymphas do Tejo e do Mondego, e tem

«..... jurado
Que nam no empregue em quê o nam mereça
Nem por lisonja louve algum subido
Sob pena de nam ser agradecido.»

L. VII, fol. 127.

Que importa!? Nada o impede; e se descança é por lhe dobrar a «furia concedida» «em quanto toma alento» e

«Por tornar ao trabalho mais folgado»

L. VII, fim.

Que exemplos a futuros escriptores!

L. VII, fol. 126 v.

Estas queixas amargas e pungentes em que por vezes o vemos demorar-se, não lhe fazem contudo esquecer o que viu, com que tratou e contra que combateu. E até á ultima estrophe é seguro no conhecimento como é sublimado no canto, ardente no engenho, e tão vigoroso na phrase como de seu provado valor alevantado.

A ultima ficção do poema é admiravel de verdade historica, investigação e conhecimentos geographicos, raros em seu tempo.

Adequada á formosissima Nympha que o mundo mostra ao Heroe, para que «veja por onde vá e o que deseje»; digna da inspiração divinal de

«Thetis de graça ornada, e gravidade

L. x, fol. 173

é graciosa e austera a descripção que o Poeta faz em

«.....transunto reduzido
Em pequeno volume.....
Do mundo

L. x, fol. 173 v.

A parte da Asia do sul menos conhecida em seu tempo é a que elle mais minuciosamente descreve; e em exacto conhecimento excede até a Duarte Barbosa, que antes do Poeta fôra quem melhor noticia tivera da costa transgangetica de Sião, de Malaca e do Cambodja.

Julgava Duarte Barbosa fosse Champá uma grande ilha que menciona depois da ilha Borneo. Camões ácerca de quem Thetis prophetisa o rio Mecom

«...receberá plaecido e brando
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procelosos baxos escapado:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lira sonora,
Será mais afamada que ditosa!»

L. x, fol. 182

Camões sabe que Champá é a costa, que para o oriente corre,

«Cuja mata he do pao eheiroso ornada»

L. x, fol. 182

e a que depois segue Cauchichina e Annam, e

«...o soberbo imperio, que se afama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China

L. x, fol. 182

E se a Nympha, mostrando ao Heroe as terras do Oriente, diz

«Vês Cauchichina está de escura fama
E de Ainão vê a incognita enseada.»

L. x, fol. 182.

não é porque o Poeta desconheça o golpho annamita, que ali em suas aguas se começou a executar «o injusto mando», ~~de~~ ~~com~~ furia tormentosa, elle ainda salvou o «Canto» acolhendo-se no «regação» do rio de Saigon. Camões conserva assim o tom prophético das futuras «façanhas». ¹

dos e baxos escapado //

Os desastres «miserandos» e «tristes» do Poeta não lhe acabrunham o espirito até estorval-o de colher a informação de que os naturaes do Cambodja «interpretam», em sua linguagem, «capitão das aguas» ao nome, que dão ao seu rio e a que os Laos denominam Mecom (Me-Kong). E com effeito é em cambodjano o nome Tonlé-Thom «grande rio», como já noutro logar indiquei². E dá para rasão d'isto facto verdadeiro, qual o de o rio receber durante os mezes de julho, agosto e ainda em septembro até outubro, tantas agnas d'outro (Cf. com *Barros*, D. III, L. II, C, 5.º) que a sua enchente

¹ Vejam-se os, neste ponto pouco rigorosos, commentarios: de *Faria i Sousa*, Madrid, 1639, col. 548 do tomo 4.º.—de *Gartz Ferreira*, Roma, 1732, tomo 2.º fol. 312 etc. Porque omitto noticias, por ventura interessantes, concernentes a Champá, aqui ficam indicadas algumas fontes bibliographicas: *Yule* «Marco Polo» 2.ª ed., II, 248 e ss. *Delaporte* «Le Cambodge» 417 e ss. *Bastian* «Remarks on the Indo-Chinese Alphabets» in» J. R. A. S. nova serie, vol. III, 65 e ss. etc. etc. Pelos mesmos motivos omitto outras noticias ácerca de Ainão.

² «Investigações sobre a Civilisação Arya-hindi» Lisboa, 1878, pag. 15-16. Sobre a architectura e paiz do Cambodja veja-se nesse trabalho a parte respectiva, e além das obras ali citadas a de *Delaporte* «Le Cambodge» Paris, 1880. E sobre os ultimos acontecimentos em Tong-King, *Cordier* «A narrative of the recent events in Tong-King» Xanghai, 1875.—*J. Dupuis* «L'Onverture du Fleuve Rouge au commerce et les événements du Tong-King 1872-73» Paris 1879, é o tomo X das «Mém. de la Société Académique Indo-Chinoise de Paris.»

se torna consideravel e extensa, vindo naquelle tempo regularmente inundar e fertilisar as terras do Cambo-dja, como o Nilo as do Egypto. E assim diz :

«Ves passa por Camboja Mecom Rio
Que capitão das aguas se interpreta,
Tantas recebe doutro só no estio,
Que alaga os campos largos e inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nilo frio»

L. x, fol. 181 v.

É certo que o Poeta não chegou a saber de que outro rio o Mécom (Mé-kong) recebia as aguas na estação do estio. Mas não ha duvida de que teve noticia d'uma região d'um grande lago do qual, porem, julgou, com os homens, ainda os mais doutos, da sua época, «se derramasse o Menão» (1.^a est. de fol. 181 v.)

O grande lago é o Tonlé-sap, especie de mar mediterraneo, que vem ao mar da China derramando-se pelos braços que abre até entrar no Mécom que ali a leva. Houve d'elle perfeito conhecimento no mundo scientifico só depois da exploração e estudo geographico e archeologico do Cambodja por Bouilleaux, Mouhot, Doudart de Lagrée, Garnier e Delaporte (1830-1875). Mas em tempo do Poeta a tradição contava, que o lago estava ao norte, e que d'elle nascia o *Mé-nam*, i. e. «rio». Com este nome generico appellidaram os Europeus ao rio de Sião que entra no golpho siamez juncto a Bangkok; e porque este *Mé-nam* recebe, entre outros, o que nelle vem confluir descendo de Chiamai (Djangomai, Kiang-mai ou Chiang-mai, a cidade de Zimmé dos Birmás a 18° 48' lat. e 99° 30' long. E. Greenwiche), julgaram os geographos, antes de Camões, que o Menão recebia as aguas d'um lago Chiamai.

Em cartas geographicas anteriores à chegada do épi-
co portuguez ao Oriente vêmos esse lago traçado en-
tre 32°-34° lat. ¹, o que foi repetido durante alguns se-
culos. Alguns eruditos modernos têm continuado a di-
zer que Chiamai é um grande lago do qual se derrama
o Menão; assim admira que na douda Alemanha o
Dr. Carl von Reinhardstoettner repita ² sem criterio, que
bastava o de verificação, este erro geographico.

«Mas passo esta materia.....
E tornemos aa costa debuxada»

L. x, fol. 180 v.

Com Duarte Barbosa está de accordo no extranho ca-
so e não menos singular usança, que relata quando
diz

«Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já Mōstros povoarão,
Mōstros filhos do feo ajuntamento
Dhũa mulher e hum cão, que sos se acharão :
Aqui soante Arame no instrumento
Da geração costumão, o que usarão
Por manha da Raynha, que inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.»

L. x, fol. 181.

¹ Cf. João de Barros, D. III, L. III, C. 4.º, com um mappa de 1505
— Henricus F. ab Langren sculpsit a.º 1505, e Arnoldus F. á Lan-
gren delineavit, — e cujo titulo começa : *Exacta et accurata de-
limitatio*..... Biblioth. Publica salla de Géographia, IX 6 n.º
374.

² In «Os Lusíadas de Camões», Strasburgo 1874, Index s. v.:
«Chiamae (x. 125) grosser See, aus dem der Menam, der in den
Meerbusen von Siam fliesst, kommt.» Para verificação veja-se,
se tanto é preciso : «Geographia da península indo-chineza com
mappa in «Annaes da Propagação da Fé» LXIX, 95, e por exem-
plo Kiepert «N. Hand-Atlas» Berlim, 1879

Os «monstros filhos do feio ajuntamento» de que falla o Poeta são os Kares do Pegu e sul de Birmá, selvagens denominados «homens cães» pelos Birmás. ¹

Do costume de trazerem soante arame no instrumento da geração lê-se noticia mais desenvolvida em a descripção das costas orientaes africanas e do Malabar dada por Duarte Barbosa (*Hakluyt Society de Londres* pag. 184 do resp. vol. E in «Noticias para a Historia e Geographia das nações ultramarinas» publ. pela *Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, 1812, tomo 2.º fol. 366).

Diz assim:

H. S LONDRES

«... traen en los capirotes de sus miembros unos cascavellos redondos cosydos soldados entre la carne y el cuero por hazerse los mayores, algunos traen tres, y algunos cinco, y algunos syete, y dellos de oro y de plata y otros de metal, los quales les van sonando de que andan y an lo por mucha gentileza y las mugeres luelgan mucho con ellos y no quieren hombres que no los tengan, y

A. R. SCIENCIAS LISBOA

«... trazem suas naturas nliũs cascaveis redondos, cerados, e muy grandes, cosidós e soldados por dentro antre ho couro e carne, por fazerem grande soma, e trazem muitos destes até sinco, deles saom douro, outros de prata, ou metal segundo hos que hos trazem, e quando andaom fazem grande som, o que haom por grande honra, gentileza; e quanto mais honrados, trazem mais: has

¹ *Bastian* «Oestl. Asien» I, 133. O Dr. B. ensina se escreva Birmá e não Barmá, Bramah, Burmah etc. Duarte Barbosa escreveu Bermá, orthographia melhor que Bramá fazendo-se aquelle e breve.

los que mas honrados son. esos los traen mas y mayo- res.»	mulheres folgam tanto com iso que nom querem ho- meins que os nom tenhaom, e nom digo mais deste cos- tume pola desonestidade.»
--	---

Para lastimar é não o dissesse que a não ha em sciencia.

Ibn-Batutah relata estes extranhos costumes por fórma que não ha que duvidar-se. Damos a tradução da passagem respectiva segundo Defrémery e Sanguinetti (ed. da *Société Asiatique*, iv, 224-225.):

«Les hommes de ce pays nous ressembent au physique, si ce n'est que leurs bouches sont pareilles à des gueules de chien. Mais il n'en est pas de même de leurs femmes (concor da com *João de Barros*, D. III, L. III, C. 4.^o) qui sont d'une esquisse beauté. Les hommes sont nus et ne revêtent pas d'habit, seulement, quelques-uns placent leur membre viril et leurs testicules dans un étui de roseau peint et suspendu à leur ventre. Les femmes se couvrent de feuilles d'arbres les indigènes s'accouplent comme des brutes, et ne se cachent pas pour cela (*Barros* l. c. diz : «pois que no acto do ajuntamento d'elles, querem imitar os cães»).

O P.^o Barbe (apud *Yule* in «The Book of ser Marco Polo» 2.^a ed. II, 294) dá-nos conta de se julgarem os povos do Nicobar ¹ tradicionalmente descendentes d'uma raça canina e humanamente de mulheres. Tradição esta que bem pode ser explicada pelo modo de contar o pa-

¹ A mesma erença notiejam *Schirren* «Die Wandersagen der Neuseeländer etc.» pag. 455. *Waltz* «Anthropologie der Naturvölker» 5, 33; apud *Liebrecht* «Zur Volkskunde» pag. 20.

rentesco pela linha feminina, como é uso ainda entre os Birmás.

Marco Polo dizia já dos habitantes das ilhas Andamanes que elles tinham cabeça de cão, e olhos e dentes de cão. Os Kara-Kirguises do Issikol e Khokand explicam o seu nome ethnico dizendo: que descendem de quarenta raparigas (*kirk kize*), as quaes, um dia, voltando depois de pequena ausencia aos seus lares, não encontraram os paes nem os rebanhos, porque inimigos lhes haviam levado os homens e animaes; que viram unicamente nas vizinhanças um cão vermelho, com elle cohabitaram e d'ahi provêm os actuaes Kirguises negros. ¹

A estas lendas de homens cynocephalicos anda, de certo modo, conjunto o barbaro costume dos sacrificios humanos e da anthropophagia, e talvez em mritos dos pontos a que ellas se estendem,—desde a China á Ethiopia, á Europa, á America—, ficasse subsistente a disposição artificial dos dentes caninos aguçados para melhor rasgamento das carnes.

Assim: a Christovam Colombo descreveram os Cribanos aos Caribas, dizendo-lhe eram comedores de homens e terem focinho de cão. Em lendas da Dinamarca conta-se de homens-cães habitantes da Finlandia. E tambem dos Belgas e dos Gallos nos dizem os Padres da Igreja que eram anthropophagos ainda em tempo dos Romanos. E dos Borús, antigos Prussianos, diz Ibn-Said que elles eram homens com focinho de cão.

Entre alguns povos encontra-se a lenda da origem canina não só d'uma tribu determinada, d'um povo exclusivamente, mas dos homens em geral.

¹ Journal Asiatique vi serie, 2, 311; apud *Librechet* loco cit.

Dizem os Ainos que ao tempo em que do lódo foi tirado o mundo, o vento e as ondas tronxeram, de mauhan, em um navio, uma mulher á formosa ilha em que elles vivem. Um dia, estando a banhar-se, viu vir nadando apressado para ella um grande cão, e ella assustada quiz fugir-lhe e esconder-se, mas o cão disse-lhe : «Deixa-me ficar contigo, serei o teu companheiro e o teu defensor, e assim tu escusas de tornar a ter medo». Ella consentiu nisto e d'esta ligação nasceram os Ainos, isto é os homens. ¹

Aos cães são substituidos ainda, em algumas lendas, os lobos; e na Europa um grande imperio teve principio com os dois expostos amamentados por uma loba, ou filhos de uma loba, e fim com o filho de um cão: Romulo e Remo foram amamentados por uma loba, como Cyro foi amamentado por uma cadella, e Attila descendia d'um cão.

Em muitas lendas com effeito os heroes são creanças engeitadas amamentadas por feras, são filhos de feras ou salvos por ellas, e não só entre os povos das antigas civilisações e de todo o antigo mundo, mas até no Brazil, entre os Yucarés, o seu heroe Tiri foi um engeitado amamentado por um jaguar. ²

Os Guelfos, tão afamados pelas suas guerras com os partidarios do senhor de Wiblingen, os por isso chamados Gibelinos, são descendentes de cães, de uma timida mãe ou de uma madrasta cruel, que abandonou as 7 ou 9 creancinhas engeitando-as e fazendo-as pas-

¹ *Lindan* «Voyage au Japon» ap. *Liebrecht* «Zur Vöskskunde» pag. 10.

² Consultem-se, entre outras obras, *Muller* «Americ. Urrelig.» já citado, *Hanusch* «Slav. Myth.» *Tylor* *Wild Men and Beast Children* e «Primitive Culture», *Liebrecht* «O. c.» o qual dá copiosa bibliographia. Cf. o mytho de *Oedipo*.

sar por cachorrinhos cegos (cachorrinhos, *Welfe=junge Hunde*).¹

Da mãe, que tem 7 filhas a fio, sem intervallo de nenhum filho varão, a septima filha é bruxa; e se tem 7 filhos a fio o septimo é lobishomem; assim crê o nosso povo.²

Em algumas religiões o cão é um animal quasi sagrado. Entre o nosso povo a lingua do cão é *benta*; lambendo elle cura as feridas; o seu uivar faz lembrar almas do outro mundo. E os Armenios acreditam em seres sobrenaturaes ou divinos, cujo nome é *Arlez* ou *Aralez*, nascidos d'um cão, e cujas funcções consistem em lamber as feridas dos guerreiros caidos no campo da batalha tornando-os á vida.³

Entre os Eranianos o cão merecia cuidados especiaes e quasi eguaes aos que merecia o proprio homem. Se a creança devia estar septe annos sob protecção particular, protecção identica era devida ao cão durante os primeiros seis mezes. Acerca do cão depois d'esta idade legisla o Avesta com pormenores taes, que o torna quasi igual ao homem.⁴

O olhar do cão faz fugir os entes malevolos, crêem em geral os Áryas; é commum á mythologia dos Áryas o mytho do cão guarda do Inferno. Ao *Kérbero* grego correspondem nos monumentos litterarios hindús os dois cães de Yama os dois *Karbaras*.⁵

¹ *Liebrecht* «Romulus und die Welfen» in «Z. Volksknd.»

² Veja-se *Consiglieri Pedroso* «As bruxas na tradição do nosso povo.» in «Positivismo» 2.º anno.

³ Journ. Asiatique vi serie vol. 19, pag. 31, ap. *Liebrecht* ut s.

⁴ Veja-se *A. Hovelacque* «Le chien dans l'Avesta. Les soins qui lui sont dus. Son éloge» *Spiegel* «Eranische Alterthumskunde» in vol. pag. 657 sg.

⁵ Veja-se *Benfey* «Vedica und Verwandtes» 149-164 e «Hermes, Mimos, Tartaros» § 4.

Yudhichthira, o mais velho dos cinco *Pândus*, os heróes de uma das grandes epopeas hindús, o *Mahá-bhárata*, recusa a Indra a offerta do seu carro divino, e não quer nelle subir para o *suarga* sem ali entrar com o seu cão.¹ E com effeito com elle subiu ao paraíso de Indra, como a lenda conta do animal favorito de Santo Antão.

Tão longe me podiam levar estas approximações, que o receio de me esquecer inteiramente do assumpto principal me obriga a terminar aqui a parte incidente; e tanto basta para se conhecer a importancia d'uma lenda, que por menos estudada pôde parecer pueril.

Assim fica demonstrado quão grande é o valor ethnico da passagem tomada para exemplo do seguro conhecimento do Poeta que não aprendeu

«.....na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Senão vendo, tratando, e pelejando.»

L. x, fol. 186.

¹ *Benfey* «Hermes etc.» pag. 9. Veja-se o episodio em *Ph. Ed. Foucaux* «Le Mahâbhârata. Onze épisodes tirés de ce poème» pag. 407 e ss.

II

LENDAS BUDDHICAS

ORIGEM

DO REINO DOS LEÕES E DO NOME DE CEYLÃO

Vestigios de uma lenda buddhica

NOB

LUSIADAS

F. ADOLPHO COELHO

«Porque quem não sabe a arte não na estima.»

L. Canto v, fol. 95 v.

Ha lendas de populações descendentes do ajuntamento bestial d'uma fera com individuo de natureza humana, cujo valor mythologico pode servir de gnia para o conhecimento historico da origem d'essas populações.

Neste caso está a lenda que explica o nome de Ceylão dado á antiga ilha de *Támra*, *Támra-dvipa* ou *Támra-parna*, contada pelos auctôres buddhitas quer na sua lingua sagrada, o páli, quer em sãskrito, ou em chinez.

Nos mais antigos textos classicos em sãskrito, no *Mahábhárata* e no *Rámáyana*, encontrâmos o vocabulo *Lamká* designando a capital da ilha, e, por extensão, toda a ilha dos ferozes *Ráksasas* cujo rei é, segundo a epopea hindú, o terrivel *Rávana*. Outro nome tambem antiquissimo é o que se encontra no *Harivãosa*,

ratna-dvipa «ilha das cousas preciosas» e que bem traduziram os Chinezes pelo vocabulo *Pao-tchu*.¹

Hiuan-Tsang, no 7.º seculo, ainda emprega, todavia, o nome de *Ling-kia* do sãskrito *Lamkā* mas para designar apenas uma alta montanha habitada por espiritos malfasejos no anglo sueste do reino de *Seng-kia-lo*, em sãskrito *Simhala* «paiz dos leões».²

No 6.º seculo, Cosmas, o navegador egypcio nos mares da India — *Indicopleustes*, denomina a ilha de Ceylão, na sua «Topographia Christiana», *Selediva*; e um dos nomes mais conhecidos pelos navegadores e commerciantes foi com effeito o de *Serendivus*,³ *Singal-dib*⁴ ou *Sirindib*.⁵

Estas denominações são derivadas do vocabulo páli *sihala-dipo*⁶ cuja forma sãskritica é *simhala-dvipa* «ilha dos *Simhalas*» a ilha de Ceylão, como se vê da collecção de fabulas e apologos hindús, o *Hito-padecha*. O vocabulo *dvipa* «ilha», *dipo* em páli, transformou-se na linguagem dos Arabes em *dyvah*, *aldybah*, como ainda se vê em um documento portuguez do seculo 16, bem que Fr. João de Sousa transcreva *adiba*.⁷

¹ Stanislas Julien «Voyages des Pélerins bouddhiques in, 125. Cunningham «Ancient Geography of India» pag. 557.

² St. Julien. O. c. III, 144.

³ Ammiano, L. XXII, cap. VII.

⁴ Abu Rihán, apud Cunningham o. c. pag. 558.

⁵ «Chaines des Chroniques» pag. 5, n.º 7, e passim, in «Relations des Voyages faites par les Arabes et les Persans dans l'Inde et à la Chine dans le IX.º siècle» trad. de Reinaud, 1845.

⁶ Childers «Pali Diet» s. v.

⁷ Documentos arabicos para a historia portugueza», Lisboa 1790 pag. 107 e ss.

À Europa tinha chegado já antes dos Árabes o vocabulo *simhala-dvīpa*, porque Ptolomeu usa do adjectivo *salike* designando todos os habitantes de *Sá-lai*. Lassen ¹ identifica este nome dado pelo geographo grego a uma forma abreviada em páli *sihala*, significando: — «*Residencia dos Simhas*, não dos verdadeiros leões, mas dos guerreiros que para ali emigraram com Vidjaya», o conquistador hindú a quem se attribue a civilisação buddhica de Ceylão.

Mas confirmando a lenda que nos diz ter sido a ilha anteriormente denominada *Tá m r a - p a r n a*, ou em páli *T á m b a - p a n n i*, ² tinha chegado ao conhecimento de Onesicrito esta denominação anterior á de *Sá-lai*, e assim era no occidente desde Alexandre,

«A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antigo tam famoza»

L. x, fol. 469.

Do nome dos *Simhalas* den-se em páli á ilha o de *S i h a l ā*, cuja fórma vulgar *S i l ā* ³ deu origem ás fórmas *Sailán* usada pelo persa *Rashid-Eddin* contemporaneo de *Marco Polo*, e á usada pelo mesmo *Polo*, *Seilan*, bem como á nossa, *Ceylão*.

É notavel ter Camões identificado ⁴ os dois nomes Ceylão e *Taprobana*, porque em 1537, por equivoco resul-

¹ *Indische Alterthumskunde* 2.^a ed., I, 241, n.

² *Dipavāosa* IX, 20 edição de *Hermann Oldenberg*.

³ Childers «*o. c.*» s. v.

⁴ Camões diz positivamente:

..... Taprobana
(Que ora he Ceylão).....

L. x, estancia 107.

tado da má interpretação da geographia de Ptolomeu pela escola de *Behaim* ¹, por *Taprobana* se entende a ilha de *Samatra*.

Em 1539, *Jomard*, confunde ainda ambos os nomes de *Samatra* e *Taprobana*, separando-se tanto nos mapas d'este geographo de Henrique 2.^o, como no magnifico portulano de Carlos vi, ² d'esta supposta *Taprobana*; a ilha de Ceylão cujo logar se marca com verdade.

O nome de *Taprobana*, ou em sãoskrito *Tá m r a - p a r n a*, é como veremos o nome hindú mais antigo que se conhece dado á ilha de Ceylão ³. O nome *Lamkã* parece ser aquelle com que a conheceram já os primeiros *Áryas* que da Índia para ali foram.

O nome de Ceylão ou ilha dos *Simhalas* é, porem, de tão remota origem que já dos *Simhalas* falla o *Mahábhárata* como habitantes da ilha ao sul da Índia. ⁴

Childers ⁵ diz que os *Simhalas*, ou como hoje dizemos os *Singhalezes*, são «unicamente os habitantes áricos de Ceylão, descendentes do povo emigrado de *Lála*, em *Magadha*, na Índia, e para ali idos muitos seculos antes da nossa era». A capital de *Lála*, a *Lariké* dos Gregos, era *Simha-pura* «a cidade dos Leões». ⁶

¹ *Richthofen* «China» I, 640 e ss.

² Em poder do snr. Frederico Spitzer em Pariz — *Richthofen*.

³ Quem primeiro demonstrou ser *Taprobáné* a forma grega de *Támra-parna* foi *Eugenio Burnouf* em 1834. A memoria por elle então lida perante a Academia das Inscr. e B. Lettras em Paris anda publicada no «*Journal Asiatique*», janeiro 1851. Não pude lê-la porque falla todo este anno na Bibl. da A. R. S.

⁴ «*Sanskrit Wuerterbuch* s. v.»

⁵ «*Páli Dictionary*» s. v.

⁶ *Lassen* «*Indsch. Altrtmsk*» I. 405 Cfr. *infra* a lenda que traduzimos do *Dipavāosa* IX ed. de *Oldenberg*.

Assentados estes conhecimentos historicos, podemos dar algumas lendas buddhicas sobre a origem da civilisação árica de Ceylão. Os elementos mythologicos que nellas se encontram são communs a outras lendas na Europa, pelo que é de interesse scientifico fazel-as conhecer.

CONQUISTA DA ILHA DE LANKÁ

R

FUNDAÇÃO DO NOVO REINO SINGHALEZ OU DOS LEÕES

Segundo o capitulo IX da chronica páli

DIPAVAŪSA

Primeira traducção feita em Portugal da lingua páli

1. Esta ilha de *Lauká* chamou-se depois *Sihalá* do nome de Leão (*siha*). Escutai, pois, vós, a narração da sua origem, que eu vou contal-a.

2. A filha do rei de *Vanga* cohabitou na floresta com um leão das selvas, em consequencia do que nasceram dois irmãos.

3. Eram duas creanças formosissimas *Sihabáhu* e *Sivali*¹; tinha a mãe nome *Susimá*² e chamava-se o pae (o Leão) *Siha*.

4. Passadas dezesseis estações das chuvas abalou da caverna, e fundou a nobilissima cidade de *Sihapura*,

5. o filho de *Siha* (Leão), e poderoso rei no paiz de *Lála*, governou o grande reino na nobilissima cidade de *Sihapura*.

6. Trinta e dois irmãos foram a progenie do filho de *Siha* (Leão), e d'estes os mais velhos foram *Vidjaya* e *Sumitta*, ambos de extraordinaria belleza.

7. O joven principe *Vidjaya* foi audacioso e sem in-

¹ Veja-se pag. 53.

² «A perigrina belleza».

strucção, e praticou actos da maior perversidade e inexcusáveis extorsões.

8. Reuniram-se os homens do tráfico e todos os do paiz, e foram queixar-se ao rei dos crimes de *Vidjaya*.

9. Ao ouvir as suas vozes clamorosas, o rei, tomado de colera, ordenou aos ministros: «Expulsai esse mancebo;

10. e todas essas escravas, mulheres e filhos e parentes, e servidores de ambos os sexos, e artifices; expulsa-se toda essa gente.»

11. Então o expulsaram separando-o de todos os parentes, e metteram-nos a bordo d'um navio e o navio singrou pelo mar fóra.

12. «Que vão para onde os leve o seu desejo, e todos para mais não se verem, nem voltarem a morar em nosso reino entre este povo.»

13. O navio das creanças abordou a uma ilha despovoada, donde lhe veio o nome de *Naggadipa*.¹

14. E a uma ilha despovoada abordou o navio das mulheres, e assim lhe chamaram *Mahilárattha* «reino das mulheres».

15. O navio dos homens correndo sem destino pelo mar, perdido e sem rumo, foi dar ao porto de *Suppára*.

16. E como desembarcassem em *Suppára* septicentos, fizeram-lhes então os *Suppárakas* largo acolhimento e muitas honras.

17. Enquanto assim estavam sendo recebidos, *Vidjaya* e a sua coorte, todos esses estrangeiros, praticaram cruéis feitos,

18. levando a embriaguez, o roubo, o adulterio, a

¹ *N a g n a - d v i p a* em sânscrito? «Ilha das nús?»

traição, o morticínio, e o mais vil, immoral e horrível modo de proceder.

19. Irritaram-se os *Suppárakas* com estes horrores de inexcusável crueldade e barbara selvageria, e resolveram: «Vamos depressa matar estes perversos.»

20. Foi outr'ora *Ojadipa*, *Varadipa*, ou *Mandadipa*, e também denominada *Lankádipa*, a que se conhece por *Taubapanni*.

21. Naquelle tempo em que *Sambuddha*, o melhor dos homens, chegou ao *Parinibbána*,¹ esse filho de *Sihabáhu*, o *Khattiya* (*Kxatriya* «guerreiro, príncipe»), *Vidjaya*,

22. chegou a *Lankádipa*, depois de ter partido da terra de *Djambudipa* (um dos nomes da India). Tinha o excellente *Buddha* prophetizado: «O príncipe será o rei (de *Lanká*)».

23. Então o Mestre (epitheto de *Gautama*, o *Buddha*) disse a *Sakka*,² o Senhor dos Deuses: «não afastes o teu cuidado, *Kosiya*³, de *Lankádipa*.»

24. *Sudjampati* o rei dos deuses, depois de ouvir es-

¹ Em sk. *pari-nirvāna*. Usa-se d'este termo para designar a morte do *sábio*, de *Buddha*, ou d'um *Arhat* «asceta e santo *Buddhita*». A era *Buddhica* conta-se da morte do *Sábio*, de *Gautama* o *Buddha*. Segundo alguns auctores foi no anno 543 antes de Christo, entre elles Childers. Hoje depois dos últimos trabalhos de Cunningham, bem que já antes o grande Burnouf tivesse citado a passagem que serve de base á descoberta do archeologo inglez, conta-se do anno 482 ou 472 a. de Chr.

² Em sãoskrito *sa k ra* «poderoso», epitheto de *Indra*.

³ *Ka usi ka* em sãoskrito é epitheto de *Indra*.

ta deprecação de *Sambuddha* encarregou *Uppalavanna* ¹ de proteger a ilha.

25. Ouvindo a ordem de *Sakka*, o poderoso *Devaputta* ² com os *Parisas* ³ foi proteger a ilha de *Lauká*.

26. Depois de ter estacionado em *Bhárukatchcha* e exasperado os habitantes, *Vidjaya*, voltou para o seu navio.

27. Entrado que foi com a sua coorte a bordo, fizeram-se ao mar, e logo um vento furioso lhes fez perder de vista as costas.

28. Arribaram a *Lauká*, onde desembarcaram, e foram para terra. Mas em terra firme sentiram-se exhaustos de fome, de sede e cansaço; mal podiam andar.

29. Foram de gatinhas com pés e mãos, e nestes entrementes levantaram-se e pozeram-se de pé e viram as mãos (*páni*) resplandcentes.

¹ Veja-se nota seguinte.

² *Devaputra* em sk. Aos habitantes do *Deva-Loka* «paraizo» se attribuem os sexos masculino e feminino. *Devaputra* é um ente celestial do sexo masculino. Aqui é *Uppalavanna*, i. e. *Vishnu*, deus na religião brahmanica, archanjo na religião buddhica. Ha o archanjo do sexo femenino (*devadhita*) cujo nome é facil de confundir com *Uppalavanna*, é *Uppalavanna name of an eminent nun who was one of Gautamas aggasávikás* (Dh. 213)» diz Childs citando o *Dhamma-padam* de Fausbøel. Podemos citar mais a chronica de que vamos traduzindo *Dipavāsa* xviii, 9, e *Vinayapitakam; Cullavagga* x, 8. *Aggasáviká* em saoskrito a *gra-sráviká* «principal discipula», sectaria de *Buddha*, como as Marias do Nazareno. As duas de *Gautama* foram *Khemá* e *Uppalavanná*, além de outras secundarias.

³ Anjos sob o commando de um rehanjo.

30. O pô excessivamente vermelho d'aquella terra cobri-la-lhes os braços e as mãos; e d'isto provem chamar-se aquelle sitio *Tambapanni*.

31. A primeira cidade na afamada *Lankádipa* foi *Tambapanni*; e ali residente governou *Vidjaya* o seu reino.

32. *Vidjaya* e *Vidjita* e com elles *Atchtchntagámi* e *Upatissa* foram os primeiros que ali abordaram e tomaram posse (?) ¹ do territorio.

33. Accorreu grande multidão de homens e mulheres, e um *Khottiya* (principe) levantou cidades aqui, outro acolá em todo o paiz.

34. *Vidjaya* levantou a cidade de *Tambapanni*, com suas visinhanças, na margem sul do rio no logar mais aprasivel.

35. *Vidjita* levantou a cidade a que deu seu nome, e ainda a de *Uruvela*; e o ministro, que do asterismo *Anurádha* tira o seu nome, fundou a cidade de *Anurádha*.

36. Aquelle cujo nome foi *Atchtchntagámi* fundou *Ujjeni*, *Upatissa* a *Upatissa* cidade de bellas praças, opulenta, vasta, de grande prosperidade e deleitosa.

37. Foi o primeiro rei da famosa *Lankádipa* o rei *Vidjaya* em *Tambapanni*.

38. Passados septe annos do seu reinado tinha para ali ido muita gente. O seu reinado foi de trinta e oito annos.

39. Em o nono mez de *Sambuddha* ² os *Yakkas* ficaram destruidos; em o quinto anno de *Sambuddha* o

¹ Cf. *Oldenberg* pag. 56 com pag. 162.

² Veja-se nota 1, pag. 47.

Jina venceu os *Nágas*; ¹ no oitavo anno de *Sambuddha* completou-se a *Samápatti*. ²

40. Em todas estas tres occasiões *Tathágata* ³ veiu aqui. No ultimo anno de *Sambuddha*, *Vidjaya* veiu aqui.

41. *Sambuddha*, o melhor dos homens, tornou a ilha de *Lauká* propria para habitação de homens; e pela *anupádisesá* ⁴ extinguiu-se em todos os seus *upadhis* (*upadhí*). ⁵

42. O *Khattiya* reinou trinta e oito annos depois do *Parinibbána* de *Sambuddha*, o Senhor fulgurante da verdade.

¹ I. e. consolidou-se o *Buddhismo*.

² Este termo buddhico é traduzido por — attainments, endowments» which are eight successive states induced by the ecstatic meditation (*Childers* Diet. páli s. v.) A explicação de *Burnouf* («*Lotus de la bonne loi*» pag. 348-9) parece-me exacta: A *samápatti* é o estado moral a que se chega pela *samádhi*; *samádhi* é uma das condições para ser-se asceta perfeito e uma das perfeições d'esse asceta; e estas perfeições são — *ghána* «a meditação profunda», *vimokha* «o libertamento, despreendimento da paixão», *samádhi* «tranquillidade perfeita», *samápatti* «o doce goso, a suave delicia, a ventura calma e santo resultado das perfeições superiores» E' o aniquilamento de toda dor e de todo prazer de toda sensação physica e o embebecimento extático na contemplação indifferente ao mundo exterior. — Os oito estados successivos são como que passagens, graus de aequisição progressiva de cada uma daquellas perfeições. Veja-se em *Burnouf* «*Lotus*» pag. 789.

³ «*Gantama Buddha* frequently in the *Suttas* speaks of himself as the *Tathágata*, and the epithet is analogous to that of *Son of Man* applied to himself by *Jesus Christ*» *Childers* Páli Diet. s. v. Mas quer-me parecer que este nome de *Tathágata*, composto de *Tathá-gatha* «vindo assim (como os outros *Buddhas*)», significa «um redemptor»

⁴ Aniquilamento completo pela perda dos cinco elementos do ser.

⁵ *Substrata corporis* i. e. entrou em o *Nibbána* (*Nirváxa* em sãoskrito) completo, ou *Parinibbána*.

43. E enviou a *Sihapura* um mensageiro a *Sumitta*: «Vinde breve para nós para esta magnifica *Lankádipa*.

44. Não ha quem me succeda na governação depois da minha morte; cedo a vosso favor esta ilha que por meu valor conquistei».

O PRINCIPE SIMHALA

SALVO PELO CAVALLO MAGICO

LENDA BUDDHICA SOBRE A ORIGEM DO NOME DE CEYLÃO ¹

Simhala fils du marchand *Simha*, s'étant embarqué pour aller à la recherche des pierres précieuses dans une ile éloignée, est assailli en approchant de *Tâmradvipa* (la même que *Tamraparna*, la Taprobane des anciens), par une tempête que soulèvent les *Rákchasis*, Divinités malfaisantes qui habitent cette ile. Il fait naufrage avec ses compagnons, et parvient en nageant jusqu'au rivage, où paraissent les *Rákchasis* qui sous la figure de belles femmes entraînent les marchands à se livrer au plaisir avec elles. *Simhala*, après avoir passé la nuit dans les bras d'une de ces femmes, apprend de la lampe qui les éclaire, qu'il est tombé entre les

¹ Segundo *Burnouf* «Introduction à l'histoire du Buddhisme» 1.^a ed. pag. 223 e ss. Com esta lenda compare-se a dada por *Huan-Tsang* apud *St. Julien* «Mémoires» vol. II pag. 431 e ss.

mains d'une ogresse dont il sert les plaisirs et qui doit le dévorer. Il est averti que d'autres marchands naufragés comme lui ont été, depuis son arrivée, jetés dans une prison d'où les *Rākchasis* les tirent chaque jour pour se repaître de leur chair. Instruit par les révélations de la lampe, il se rend avec ses compagnons sur le rivage, où lui apparaît un cheval miraculeux qui doit le transporter hors de l'île. Mais il faut qu'il se garde de retourner la tête en arrière; celui qui se laissant toucher par les larmes de *Rākchasis*, jettera un seul regard sur le rivage, est condamné à tomber dans l'océan, où l'attendent les ogresses pour le mettre à mort. Les compagnons de *Simhala* consentent de grand coeur à quitter l'île avec lui; mais infidèles à leurs promesses, ils prêtent l'oreille aux plaintes des femmes qu'ils abandonnent, et disparaissent l'un après l'autre, dévorés par les *Rākchasis*, *Simhala* seul échappe; et malgré les poursuites de la femme qu'il a laissée dans l'île, le cheval merveilleux le transporte dans l'Inde.

La *Rākchasi* aux mains de laquelle *Simhala* vient d'échapper, séduit le roi *Simhakéçarî*, et pénètre dans ses appartements intérieurs. Secondée par les autres démons qu'elle appelle de l'île *Tâmradvîpa*, elle dévore le roi et sa famille. *Simhala*, qui seul sait expliquer ce désastre, est proclamé roi; et il prend la résolution d'aller anéantir les *Rākchasis* de l'île, pour y répandre le culte des Trois objets précieux. Les démons se retirent dans une forêt; et à partir de cet événement, le pays nommé autrefois *Tâuradvîpa* prend le nom de *Simhaladvîpa*.»

Completa-se esta lenda com a seguinte da qual sa-
qemos a origem dos *simhalas*

ORIGEM DO REINO DE SIMHA (LEÃO)

SEGUNDO O MAHÁVĀOSA¹

Era uma vez um rei que governava em *Bangana-gara* na terra dos *Bangas*, e cuja mulher era filha do rei de *Kalinga*. Tiham elles uma filha mui formosa que um dia, andando a passear sosinha, encontrou uma caravana, que seguia viagem para *Magadha*, e a acompanhou incognita. Chegados á terra de *Lála* foram separados uns dos outros por um leão.

A filha do rei, lembrando-se estar-lhe prophetisado que ella havia de cohabitar com um rei dos animaes, acariciou o leão, e este levou-a para a sua caverna, e ali nasceram d'ambos um filho com pés e mãos de leão e uma filha. A mãe então deu-lhes os nomes de *Simha-báhu* «braços de leão» e *Simhávali* «vergontea de leão».

Quando o filho completou dezeseis annos descobriu-lhe a mãe a sua origem; elle aproveitando-se da ausencia do leão tomou a mãe e a irman ás costas, e levou-as para uma aldeia visinha onde *Anura*, filho de um seu tio materno, commandante em chefe dos

¹ Lassen «Indische Alterthumskunde» 2.^a ed. vol. II, pag. 103 e ss. Confronte-se esta lenda com a contada por *Huan-Tsang* (*St. Julien* «Mémoires» II pag. 125 e ss.)

exercitos de *Banga*, estava encarregado de vigiar os trabalhos dos habitantes da aldeia.

Receben-os este em sua casa, e vestiu-os, e deu-lhes de comer em folhas de arvores. Os vestidos ficaram logo de riquissimos tecidos, e as folhas mudaram-se em vasos de ouro. Estupefacto diante de taes maravilhas perguntou aos seus hospedes de que origem eram descendentes, o que a mãe logo lhe contou. Levou-os então para a capital de *Banga* e tomou a filha para sua mulher.

Quando o leão voltou á sua caverna, que tinha deixado, procurou os filhos, e não os achando entrou pelas aldeias afigentando os moradores. Estes foram-se queixar ao rei fazendo-lhe ver o perigo que corriam. Como o rei não encontrasse ninguém capaz de agarrar o leão, ordenou duas vezes uma recompensa mais subida para quem lhe quizesse dar caça. Duas vezes a mãe de *Sinhabáhu* prohibiu a este que se envolvesse no negocio; mas, á terceira, *Sinhabáhu* offereceu-se, sem pedir primeiro o consentimento a sua mãe, e o rei prometter dar-lhe o reino se elle conseguisse prender o leão.

Sinhabáhu foi então procurar o leão na sua caverna, atravessou-o com uma frecha e voltou para a capital do reino com a cabeça da fera. O rei tinha morrido sem successão havia sete dias. Os ministros, conhecedores de que elle era neto do rei e sua mãe a filha, e maravilhados por tal feito, remiraram-se em consellio, e unanimes sollicitaram-lhe que fosse elle o rei; *Sinhabáhu* accitou o reinado, mas cedeu o reino ao que fosse marido de sua mãe, e regressou com sua irman ao seu paiz natal. Ahi fundou no reino de *Lála* a cidade de *Simhapura* e aldeias pelos bosques, e ca-

sou-se com sua irman. Esta teve dezeseis vezes filhos gêmeos, dos quaes foi o filho mais velho *Vidjaya* e o segundo *Sumitra*, ao primeiro dos quaes seu pae na edade competente nomeou *uparádja* «principe herdeiro.»

Nestas lendas temos a separar a parte historica da parte mythologica. -

A parte historica é evidentemente a conquista árica da ilha de *Lanká*, e a conversão ao Buddhismo.

Mas antes d'esta conquista buddhica, a ilha tinha sido já conquistada pelos Áryas como o canta a epopea de *Ráma*; nem vemos nestas lendas senão a serie lendaria de que o *Rámáyana* é a mais bella expressão. ¹

A chronica páli attribue aos mesmos invasores os dois nomes *Tamba-pāṇṇi*, em sãoskrito *Támraparna*, ou *Tamba-dipo*, em sãoskrito *Támra-dvipa*, e *Sihala-dipo*, em sãoskrito *Simhala-dvipa*. Ha nisto, a meu ver, confusão.

Explica o chronista a etymologia de *Tamba-pāṇṇi* de modo inteiramente falso, como por gente ignorante dos processos etymologicos ouvimos explicar a origem de nomes locaes, por exemplo—Ribeira de *Coselhas*, *Odemira*, *Miragaya*.

Basta vermos dois ns em *pāṇṇi* para concluirmos

¹ Leia-se *Sénart* «Essai sur la légende du Buddha» 272-278.

o vocabulo em sãoskrito *parxi* que referimos a par-na «folha» com terminação feminina no composto. O vocabulo *páni* «mão» corresponde em sãoskrito a identico. O vocabulo *tamba* «cor de cobre, vermelho» corresponde em sãoskrito ao vocabulo *támra* «cor de cobre, vermelho», mas nome ainda de varias plantas e entre ellas a *támra-parxi*, a *Rubia Munjista* de Roxburg, da qual em sãoskrito se diz tambem *man-gixtha* (páli *mangitá*), a ruiva dos tintureiros, e d'uma especie de sandalo, o vermelho de que falla Garcia da Orta (*Colloquio XLIX*), mas que não deve confundir-se com o actual *Pterocarpus santalinus*, mais conhecido pelo nome de *Lignum Santalinum rubrum*.

Pelo que dizem Fluckiger e Daniel Hanbury¹, sou levado a crer, que, no tempo do Physico de D. João 3.º, a madeira conhecida pelo nome de sandalo vermelho no commercio não era a de uma variedade de sandalo, antes já mercadoria mui differente como a que hoje tem na Europa esse nome. Garcia da Orta confessa mesmo não ter conhecido a arvore, mas soube que d'uma parte usavam os naturaes da India contra as febres, e estimavam a madeira como boa de apparellhar e propria pela sua grandeza para pagodes e idolos.

A verdadeira região do sandalo na India é do Malabar para Coromandel, especialmente nas montanhas de *Malaya*.² Hiuan-Thsang³ descrevendo estes montes diz:

«Là s'élèvent les monts *Mo-la-ye* (Malayas) avec leurs flancs escarpés et leurs sommets sourcilleux,

¹ Trad. fr. de Lanessan, «Histoire des drogues d'origine végétale» Paris 1878. 2 vol. — vol. II pag. 372-373.

² «Mahābhārata» e «Rāmāyana» apud «Sanskrit Wörterbuch».

³ Apud Stanislas Julien «Mémoires» II, pag. 122.

leurs vallées sombres et leurs profonds ravins. Sur ces montagnes, croissent le santal blanc et l'arbre nommé *Tchen-t'un-ni-p'o* (T e h a n d a n e v a «semblable au santal»).

É na região dos montes *Malayas*, que justamente ficava na Índia antiga uma das nove divisões ¹ do paiz de *Bhárata* (a Índia), a divisão ou *khanda Tâmrâ-parna*, e o rio do mesmo nome. ²

O mercado de sandalo em Ceylão era importantissimo nos primeiros seculos da nossa era. Todavia as grandes lojas, que d'elle havia abertas, recebiam-no de paiz extranho. Ceylão importava-o para o expedir, porque era o emporio do mundo asiatico como ponto central de todo o commercio maritimo. ³

Por outro lado é certo que, antes da expedição árica attribuida a *Vidjaya* e com a qual se introduziu o buddhismo em Ceylão, houve a expedição árica attribuida a *Râma*. Da expedição de *Vidjaya* ha tradição na costa oriental, da expedição de *Râma* ha viva tradição na costa occidental, no *Malabar*. Entre os *Malabares* existem ainda hoje familias com os nomes antigos da raça dos *Ikruákus*, ascendentes de *Râma*. ⁴

É possivel, por consequencia, que o nome de *Tâmrâ-parna*, anterior ao de *Simhala-dvipa*, provenha da região do *Malabar*.

Na parte mythologica distinguimos como tendo valor historico a morte do leão.

¹ «*Siddhânta-siromani*» m, 41.

² «*Sanskrit Wörterbuch*» s. voce T.-p.

³ *Richthofen* «China» 1, 521, 524 nota 2.

⁴ *Turnour's* «*Epitome of Ceylon History*».

A lampada fallante, o cavallo magico ou voador, e a desventura de quem olha para traz, são elementos mythologicos d'outra ordem.

Estes assassínios, quasi sempre fratricídios, mas ainda parricídios e filiicídios, referem-se á edificação d'uma cidade levantada sobre o fôssô dentro de que se havia lançado a cabeça, ou o phallus, do individuo sacrificado e cujo nome era, por vezes, dado á cidade. ¹

O leão morto por *Simhabáhu* tem na Grecia o seu correspondente mythologico no leão de *Héracles*, que alguns mythologos explicam pela nuvem, caliginosa e rebombante, vencida pelo deus solar. ² É conhecido na tradição hellénica o leão monstruoso e terrível, o leão assolador do paiz do rei de *Mégara*, cuja fillia casará com o heroe que o matar; e todavia o leão não teve o seu *habitat* no Peloponeso nem em parte nenhuma da região dórica, á qual pertencem, as cidades de *Mégara* e de *Nemea*.

A tradição é commum á mythologia dos povos áricos. E para mais o comprovar lia a circumstancia de ser um grande viajante por mar o heroe da India e o heroe da Grecia. ³

Na edade média o leão e a virgem da lenda budliica são o monocerote e a donzella, que o afaga

¹ Veja-se *Fr. Lenormant. Les origines de l'Histoire d'après la Bible et les traditions des peuples orientaux*, 1880. cap. iv; cf. *V. Abreu «Investigações sobre o caracter da civilização árya-hindú»* 1878, pag. 38-39.

² Cf. a explicação da morte de *Abel* por *Caim* dada por *Goldziher. «Der Mythos bei den Hebraern» Goldziher-Martineau* pag. 113, 114, 126 e passim.

³ Veja-se *Decharme «Mythologie de la Grèce antique»* I. iv, cap. II.

em seu collo, attraheudo-o pelos encantos da sua belleza ou pelo perfume suavissimo que ella exhala.¹

Antes de examinarmos os outros elementos mythologicos cumpre não esquecermos, que em a litteratura classica da Europa se mencionam entes femininos semelhantes ás cruéis *Rakxasis*: taes são na ilha africana, sempre povoada, os entes phantasticos do sexo feminino exclusivamente, de que dá noticia Pomponio Mela (m, 9). E Atheneu (v, 64) diz-nos que Mario trouxe da Africa pelles de animaes maravilhosos que offerecêra ao templo de Héracles.

É bem conhecida a origem do nome de *Gorilla* dado no Periplo de Hannon, pelo navegador carthaginez, a certos animaes da zona tropical por elle encontrados nas costas occidentaes da Africa. Eram tres femeas os animaes que, d'entre esses, elle trouxe e consagrou ao templo de *Tanit* (Jimo).

Assim pois, se ha tradições identicas d'uma ilha de feroses entes femininos tanto na India como na Europa, ha tambem um facto historico á semelhança do qual podemos explicar a tradição hindú. Com effeito a tradição na Europa provem do atrazo da antiguidade, em anatomia e ethnologia, e dos seculos decorridos entre o navegador punico e o geographo do tempo de Claudio.

Não devem ser tomados, portanto, na conta de fabulosos os habitantes de sexo feminino, as feroses

¹ *Brunetto Latini* «Trésor de toutes choses» *Jordanus* «Mirabilia»

Rákrasis da ilha conquistada por Vidjaya; temos, antes, todo o direito a consideral-os como as mulheres selvagens de Hamon que para Pomponio Mela eram entes phantasticos.

Fôra da tradição commum a toda a raça árica, existem na Europa vestigios tradicionaes que os mythographos demonstram serem de origem buddhica. Den-lhes a Italia facil accesso e ali os encontrámos abundantes, e d'ali se espalharam pelo occidente.

Entre nós ignorámos que haja algum conto popular em que se mencionem lampadas fallantes. Na Italia são muito conhecidos, e o leitor os pôde ver na magnifica collecção de Pitriè «Fiabe, Novelle e Racconti popolari Siciliani», por exemplo no conto «La soru di lu Conti». ¹

Na Italia se encontra tambem a tradição do cavallo magico. Mas neste caso entram elementos áricos communs e de tradição, que é filha de importação por influencia buddhica.

Antes do cavallo alado descripto por Ariosto, conheceu a Grecia: *Arion*, o cavallo de *Ádrasto*, e *Pegaso* outro cavallo maravilhoso. ²

É com effeito do patrimonio das lendas áricas o mytho do *cavallo do heroe*, que o salva das difficuldades, como o cavallo dos dois *Achuinos* e o cavallo de *Indra*, que o avisa ou pelo menos lhe prognostica, como

¹ Vol. I, pag. 60 ss. Foi-me mostrado este conto pelo meu amigo e collega o professor Adolpho Coelho.

² A lenda arabe do cavallo *Hizan* que passou a *Moisés*, protegido pelo archanjo Gabriel, para o outro lado do Nilo, depois da saida do palacio do Pharaó, é moderna.

o cavallo de *Ravana* chorando, a futura desgraça, ou relinchando prediz, como a *Dario*, a gloria e o triumpho; o mytho do cavallo que se identifica com o heroe, em cuja força está a força do heroe, e cujo cavalleiro tem nome que lhe provem do cavallo que monta e da força d'esse cavallo como *Achualtháman* (a s v a - s t h á - m a n «força do cavallo»), o filho de *Drona*, no *Mahá-bhárata*.

As transformações posteriores do mytho do cavallo magico, do cavallo do heroe, indicam-nos, todavia, importação de tradições buddhicas.

Assim transformado, o cavallo magico é em Lisboa o *par das botas de cortiça*; e nas produções litterarias quem o não conhece na *capa do Diabo coxo* e na *ben-gala de Mr. de Balzac*?

Nos contos populares corresponde-lhe o *tapete* sobre que o heroe toma assento e sobre o qual é transportado pelo ar, as *botas* do rapaz que procura as tres irmãs, ¹ o *sapato* de *Cendrillon*.

¹ *F. Adolpho Coelho* «Contos populares portuguezes», conto xvi. A este meu amigo e collega devo a seguinte communicação: «Sobre um episodio em que, em lugar de botas, figura ás vezes um manto ou uma sella, que transportam pelo ar, e que se encontram num grande numero de contos europeus e orientaes, veja-se *Gebr. Grimm* «Kinder und Hausmaerchen» III 166 (nota ao n.º 92); *R. Koehler* no «Jahrbuch f. rom. und engl. Literatur» VII, 148 (nota ao conto venesiano da collecção *Wilder Wolf*, n.º 10, publicada no mesmo periodico); *J. Grimm* «Deutsche Mythologie» 3.ª ed. p. xxx; *F. Liebrecht* in «Orient und Occident» I, 132, onde o auctor se refere a um seu artigo na «Germania» de *Pfeiffer*, II, 244. Aos contos indicados por estes auctores ajuntaremos os seguintes em que reaparece o episodio: *J. G. von Hahn* «Griechische und albanesische Maerchen» n.º 114 (Leipzig 1864), em que é batendo na terra com um bastão magico tres vezes que o possuidor se transporta a onde quer; *Kreutzwald-Loewe* «Esthmische Maerchen» n.º 11 (botas de cortiça que transportam ao longe); *G. Pitré* «Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliane» n.º 31 (botas que levam como o vento).

Exemplo d'estas transformações no Oriente anteriormente ás que se conhecem europeizadas é o *avadána* n.º LXXIV, dos contos e apologos indianos traduzidos do chinês por *Stanislas Julien*.¹

LA DISPUTE DES DEUX DÉMONS

Il y avait jadis deux *Piçatchas* qui possédaient chacun un coffre, un bâton et un soulier. Ces deux démons se disputaient entre eux, voulant chacun avoir ces six objets à la fois. Ils passaient des jours entiers à se quereller sans ponvoir tomber d'accord. Un homme ayant été témoin de cette discussion obstinée, les interrogea et leur dit: «Qu'ont donc de si rare un coffre, un bâton et un soulier, pour que vous vous disputiez avec tant d'acharnement?»

De ce coffre, répondirent les deux démons, nous pouvons tirer des vêtements, des breuvages, des aliments, des couvertures de lit, et enfin toute sorte de choses nécessaires à la vie et au bien-être. Quand nous tenons ce bâton, nos ennemis se soumettent humble-

¹ Vol. II, pag. 8; «*avadána*» significa segundo o «*Sanskrit-Woerterbuch*,» primariamente «negocio liso, honesto, leal», mais tarde «rasgo heroico» e por fim «lenda, conto»; e assim titulo de collecção de contos, taes: *avadána-sataka* «os cem *avadanas*» (*Burnout*. Intr. à l'Hist. du Bouddhisme indien, 1.ª ed., 115), *avadána-kalpalatâ*, *dvâvimsati-avadána*. Sobre a grande importancia dos *Avadanas* e dos *Djâtakas* buddhicos veja-se principalmente o 1.º vol. do *Panhtchatantra* de *Bensley*; e *Liebrecht* «*Zur Volkskunde*,» 109—121 ou in «*Orient und Occident*» de *Bensley*, I, 129 e ss., e *Léon Feer* «*Études bouddhiques*» in «*J. Asiat.*» VII Ser.; tom. XI, XIV.

ment et nul n'ose disputer avec nous. Quand nous avons mis ce soulier, par sa vertu, nous pouvons marcher en volant sans rencontrer nul obstacle.»

En entendant ces paroles, cet homme leur dit : « Éloignez-vous un peu de moi, je vais faire un partage égal.»

A ces mots, les deux démons se retirèrent à l'écart. Cet homme prit les deux coffres et les deux bâtons, chaussa les deux souliers et s'envola. Les deux démons furent stupéfaits en voyant qu'il ne leur restait plus rien.

Cet homme parla alors aux démons, et leur dit : « J'ai emporté ce qui faisait l'objet de votre querelle, je vous ai mis tous deux dans la même condition, et vous ai ôté tout sujet de jalousie et de dispute.»

O nosso primeiro mythographo, o sr. Adolpho Coelho, conhece um conto popular portuguez de que ainda não ponde colher versão completa, em que ha tres irmãos um dos quaes tem um oculo pelo qual vê a grande distancia, outro tem um tapêto que transporta ao longe, outro tem uma maçan, ou uma agna, que cura toda doença. O professor Adolpho Coelho vê neste conto de que, diz elle, ha muitos parallellos europeus, origem buddhica; e conclue-a do conto que deixámos transcripto dos Avadânas.

O conto paralelo na India é o 24 do tomo II da collecção *Tuti-Nâme* ed. de *Georg Rosen*, Leipzig, 1858,

citado por *De Gubernatis* «Mythologie Zoologique» vol. 1, pag. 135. ¹

Na collecção de fabulas hindús, em sãoskrito, o *Pantschatantra*, pôde o leitor achar interesse lendo a variant do episodio, no conto do «Tecalão que se faz passar por Vixnu». Benfey no seu precioso estudo sobre ose contos e apologos hindús estuda algumas particularidades d'este conto. ²

¹ Cf. *Liebrecht* «Volkskunde» pag. 118.

² «*Pantschatantra*» 1.º vol. pag. 159-163

O cavallo que assim vemos substituído pela capa, pelo tapête, pelas botas, pelo sapato, é na religião budhica um dos requisitos necessários do *kakravartin*. ¹

Tchakarvartin é o que possui tudo quanto está dentro dos limites do mundo. *Buddha* é um *Tchakarvartin*. O seu cavallo é branco como a luz do dia, e tem crinas como os raios dourados do sol; sustenta-se bebendo os ventos e vòia percorrendo o espaço inteiro. ² Segundo o «Rgya-Tch'er-Rol-Pa» o cavallo que pertence ao *Buddha Tchakarvartin* é pigarço, tem a cabeça preta, as crinas entrançadas, cobre-o uma rêde de ouro, e percorre todo o espaço dos ceus. O *Tchakarvartin* monta-o ao romper do sol e percorre, d'um lado e d'outro até aos confins oceanicos, o mundo inteiro, não sem que, antes, o guarda, que tem o corcel a seu cuidado, deixe de lhe recommendar que relinche.

Dos hymnos vedicos vemos que o sol é designado como um deus que vê tudo e tudo conhece, a que nada

¹ Benfey l. c. Spence Hardy «Manual of Buddhism», pag. 127. Foucaux «Rgya-Tch'er-Rol-Pa», cap. III.

² Cf. Sénart «Essai sur la légende du Buddha» passim.

se esconde, e que se ergue puxado pelos seus raios, pelos seus cavallos,¹ e esta concepção revela grande desenvolvimento do anthropomorphismo porque ao sol dá-se em o hymno vii, 77, 3 a dupla qualificação de «ôlho dos deuses» e de «cavallo branco, brilhante.» Por outro lado o sol é comparado ao fogo do altar, e o fogo do altar é comparado ao sol, porque em mythologia, como em todo o culto védico, aos phenomenos celestes correspondem egnaes phenomenos terrestres, o que se passa na terra tem egualmente logar no ceu. O fogo, *Agni, ignis* em latim, é tambem comparado a um cavallo². É elle o que vac^a da terra aos ceus levando o sacrificio aos denses³, relinchando desde o primeiro momento, i-e. crepitante no altar do sacrificio, rebombante, estridente no meio da nrvem como raio que fende o espaço.

É elle que traz os denses ao altar⁴, é elle que dá a victoria, é elle que salta por cima dos abysmos, é elle o vencedor que salva o heroe.⁵ É elle que se alimenta dos ventos, que é o amigo do vento; é elle o cavallo de que podemos dizer com Ariosto: ⁶

«Questo è il destrier.....
Che di fiamma e di vento era concetto;
E senza fieno e biada, si nutria
Dell'aria pura.....»

¹ «Rigveda» i, 50, 1. cf. com «Rgv.» iv, 45, 6; etc.

² i, 58, 2; 149, 3; iii, 1, 4; 2, 7; vi, 2, 8; 12, 6; etc.

³ III, 27, 14.

⁴ i, 14, 12.

⁵ Cf. viii, 91, 12 com iv, 2, 8.

⁶ Cf. Rgv. v, 19, 5; x, 91, 7; i, 94, 10; etc.

«Orlando Furioso» Canto xv, 41. Cf. *Custodio Jesam Barata* «Recreação Proveytosa» 1 prt. Colloquio iv. E mais «Dissertações do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, Dis. iv «Das Égoas da Lusitania», pag. 100—106 do tomo ix da «Hist. e Memorias da Acad. Real das Sciencias de Lisboa».

Seguros ás crias do cavallo magico, os companheiros de *Sinhabáhu* podiam salvar-se das vorazes *Rákxasis*, mas sob a condição, imposta a *Orpheu*, de não olharem para traz. Elles deixam-se, porem, seduzir pelas *Sereas* de Ceylão e morrem ás suas mãos, como *Orpheu* ás mãos das *Bacchantes da Thracia*; perdem-se pelo motivo que roubou a *Orpheu*, astro nascente subindo para a terra, a formoza *Eurydice*, a aurora sua amante. ¹

Na mythologia semitica encontra-se este mesmo mytho. Goldziher² explica pela theoria solar o mytho das fillas e mulher de *Lot*.

Como tantos outros traços das antigas lendas, tambem este, diz-me o sr. Adolpho Coelho, se reproduz nos contos populares modernos, por exemplo em diferentes versões europeas do conto das «Duas irmãs invejotas»³

Em algumas versões populares portuguezas do conto, que o sr. Adolpho Coelho possui e obsequiosamente me mostrou, dois dos tres irmãos, heroes da historia, quando vão á busca de certos objectos maravilhosos são convertidos em estatuas de pedra por olharem para traz ao onvirem diversas vozes.

As lendas de individuos convertidos em pedras não são exclusivas da raça árica, como vemos pelo exemplo de *Lot*. Mas ainda mais: não são exclusivas da raça branca. Encontram-se na America do norte,

¹ Veja-se em *Decharme* «Mythologie de la Grèce antique» pag. 571 e ss.

² «O. c.» 189-197.

³ Veja-se a lista das versões dadas pelo nosso collega na sua collecção «Contos populares portuguezes» pag. xix-xx.

como se vê do «Popol Vuh»¹ e dos estudos de Muller sobre as primitivas religiões dos índios americanos.² A maneira pela qual estas lendas ahí são explicadas é uma comprovação da theoria solar, que em si não é falsa, mas só defeituosa quando exclusiva nas explicações mythologicas, como d'ella exageradamente se têm servido alguns mythologos: «Um gigante guardava as cavernas onde estavam os homens que a *mãe-terra* tinha produzido; uma noite este gigante deixou as cavernas, e depois do romper da alva, o sol surprehende-o e transforma-o em o rochedo *Kautu*.»

Não podemos deixar de ver nesta lenda a semelhança da lenda de *Atlas*, o gigante do occidente, transformado em monte. E pela relação em que mythologicamente está *Atlas*, *Perseu de pés alados* e as *Gorgonas* (às quaes foram comparadas as mulheres selvagens de *Hannon*), e ainda o *cavallo Pegaso*, que nasce do sangue de *Medusa*, não será possível negar que por toda a parte estas transformações em pedra são lendas cuja explicação está na passagem da noite para o dia, e na entrada ou queda no mundo das trevas, em o mundo subterraneo chamado *Tártaro* pelos gregos, *Talátala* pelos Áryas-hindús³, invisível como a região *Amentí* dos Egypcios,⁴ de que dá conta satisfactoria a theoria

¹ «Le livre sacré et les mythes de l'antiquité américaine, avec les livres héroïques et historiques des Quichés.» Original e trad. dados pelo *Abbé Brasseur de Bourbourg*, pag. 243—245.

² *J. G. Muller* «Geschichte der amerikanischen Urreligionen» Basel 1855, pag. 179. Cf. pag. 110.

³ *Benfey* «Hermes, Minos, Tartaros».

⁴ Fallamos, neste logar, da *Amentí* não é um acaso, nem uma comparação indifferente e desnecessaria. O motivo é justo, e a comparação calculada. O cap. xv do *Livro dos Mortos* diz: «À tarde o sol volta a sua face para a *Amentí*». *Pierrat*, em o «*Vocabulaire Hiéroglyphique*» pag. 29, diz: «*Ament, Amentí, enfer, région où se cache le soleil, séjour des âmes après la mort.*» E

solar; nem será possível negar a íntima conexão entre os elementos mythologicos das lendas orientaes, que ficam dadas, e os identicos das lendas da antiguidade classica.

Ligam-se ainda a estas lendas superstições que encontrâmos em nossos dias pela Europa: assim em Portugal diz o pòvo que «andar para traz é chamar pelo demonio», que «andar para traz é cair no inferno» e os Noruegueses disem que «quem anda para traz atira com o pae e com a mãe para o inferno» como disem egualmente que «é bater na mãe bater na terra» e «é bater no pae bater em uma pedra»; ¹ superstições estas que tambem se encontram do outro lado do Oceano, na America, segundo Muller. ²

Assim como a concepção árica do *cavallo branco do heroe* provem d'um mytho solar, assim tem sua

mais abaixo: «Ament, l'Ouest, la région occidentale», Cf. do mesmo auctor «Diet. d'Archéologie Egyptienne» s. v.

A esta definição de *Amenti* vem ainda juntar-se o que dizem P. Guéyesse e É. Lefébure em «Le Papyrus Funéraire de Soulimès» pag. iv: «Il semble même que les mythes de l'Égypte, moins diversifiés par les légendes et les jeux de mots que ceux de la race indo-européenne, devraient se laisser plus aisément pénétrer. Les textes hiéroglyphiques nous apprennent, sans contestation possible, que depuis les premiers siècles jusqu'aux derniers, la plupart des divinités ont gardé leurs significations originelles, qu'indiquent leurs noms, et que les prêtres ne perdaient pas de vue. Pour ceux-ci comme pour nous, Ra est le soleil, Shu, la clarté, Nu, le ciel, Hapi, le Nil, Anrenti, l'occident, etc.»

¹ Liebrecht «Norwegischer Aberglaube» in «Volkskunde» pag. 310 e ss. n.º 174 a, b.

² «O. e.» pag. 110. Cf. Grimm «Deutsche Myth.» 2.ª ed. 538 ap. L.

explicação semelhante a crença em vestígios da passagem de uma divindade sobre a terra, e principalmente a crença em pegadas divinas no alto de montanhas.

Na religião buddhica o cavallo e os pés de Buddha são objectos da maior veneração nos seus templos. E como taes os vemos representados nos baixos relevos, nas esculpturas; e

«...em Ceylão que o monte se levanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana,
Os naturaes o tem por cousa sancta
Pela pedra onde está a pegada humana.

LUSIADAS X., fol. 183.

Camões e já antes Duarte Barboza tiveram conhecimento d'este vestigio da lenda buddhica; mas vê-se que a onviram dos Arabes.¹

De terras baixas corre a ilha de Ceylão de 7° 51' de latitude para o sul, levantando-se, pouco a pouco, e vindo a erguer-se em altissimas serras, que das nuvens caem, quasi de repente, na outra banda do mar.

Dos montes que formam a copa d'este *bonnet de Jockey* é notavel o *Samanella* «Pedra do concilio divi-

¹ Não é o unico exemplo d'um nome indiano substituido por outro d'origem árabe, este da «pegada de Adão» em lugar da «pegada de Buddha» dado á depressão no alto do *Samanella*. Assim chamaram os arabes «Ponte de Adão» á «Ponte de Râma» á linha de rochedos, que se alonga desde o continente asiatico até á ilha de Ceylão, como poldras enormes lançadas por *Hanumat*, desde a extremidade da costa de Coromandel até á ilha do terrivel *Ravana*, para passagem das tropas do heroico *Râma*, e chamada *Setubaudha* («*Râmâyana*», ed. de *Gorresio*, v, 95; trad., vol. 4.º cap. 95. Em o magnifico resumo de *H. Fauche* que é o *Râmâyana*, por assim dizer, popular no occidente da Europa, este cap., onde se descreve a faina dos exercitos alliados construindo a «Ponte de Râma», está a pag.º 163-168 do tomo 2.º)

no na montanha»¹ a que os Europeus, seguindo os Arabes, denominam Pico de Adão, e antes os Buddhistas tinham chamado sripada em páli, em sãoskrito sripada «signal do pé do Bemaventurado» porque ali crêem que é ainda visível a pégada de Buddha.

O verdadeiro nome páli d'esta montanha é *sumana* *akúro* assim chamado porque a divindade (deva) *Sumana* ali habitava, diz *Childers* (Pali Dict.) s.v.), «montanha dos felizes» ou, como diz *Lassen*² «montanha dos Deuses.» Outro nome d'esta montanha é *subhakúta* «o monte brilhante», o ultimo de que no sul se despede o sol poente.³

Hardy, «Manual of Buddhism», pag. 211-212, dá a seguinte lenda ceylonense:

«The dewa (a divindade) of Samantakiita (outro nome do Samanella), Samana, having heard of the arrival of Budha, went to the place where he was; and after he had worshipped him, he presented a request that he would leave an impression of his foot upon the mountain of which he was the guardian. That it might be worshipped during the five thousand years

¹ It is 7420 feet above the level of the sea and was considered as the highest mountain in the island; but it has been discovered, since the English came into possession of the interior, that there are at least three others that are higher, Pidurutalagala having an elevation of 8280 feet. It will, however, always be the most remarkable, from the many legends connected with it, and the conspicuousness of its appearance especially from the sea; it is an insulated cone, rising boldly into the sky, and generally cloud-capped. It is supposed by the Chinese (Davis's Chinese) that at its base is a temple, in which the real body of Budha reposes on its side, and that near it are his teeth and other relics. «*Spence Hardy*. A Manual of Buddhism» 1.^a ed. pag. 211.

² *Lassen* «Indische Alterthumskunde» 2.^a ed. vol. 1, pag. 233-34.

³ Na hypothese, na idéa de que fosse o mais alto. Cf. porem nota 1.

his religion would continue among men.....

.....
 Budha went to it (the mountain) through the air attended by 500 rahats (sanctos). At the right hand of the sage was Samana, in beautiful garments and rich ornaments, attended by all his inferior dewas, with their queens who made music and carried flags and banners, and scattered around gold and gems. Sekra,¹ Maha Brahma,² and Iswara,³ were all there with their attendant retinnes; and like the rolling of the great ocean upon Maha Mern or the Yugandhara rocks, was their arrival at the mountain. The sun remained in the midst of the sky, but his rays were cold as those of the moon; there was a slight falling of rain like the water that is sprinkled around a throne to allay the dust; and the breeze, charged with sweet perfume, came from all sides to refresh the illustrious visitant. At his approach, all the trees of the mountain were as though they danced in gladness at the anointing of a king. In the midst of the assembled dewas, Budha, looking towards the east, made the impression of his foot, in length three inches less than the cubit of the carpenter; and the impression remained as a seal to show that Lauká is the inheritance of Budha, and that his religion will here flourish.»

¹ O senhor do *Tavutisá* (paraiso). É o mesmo que S a k r a «poderoso» em sãskrito, nome dado a Indra.

² Não se confunda com o *Brahma* da religião puranica. Na dos Pitakas (livros sagrados buddhicos) *Maha Brahma* «is simply the ruler of a brahma-loka» (II. p. 44), d'um mundo celestial superior. Veja-se *Childers* «Pali-Dict.» s. v. s a k k o.

³ Não se confunda com i s v a r a «supremo senhor» em sãskrito. Na religião buddhica encontram-se como «archanjos» algumas das principaes divindades brahmanicas. Veja-se *Childers* ut supra.

Hardy esclarece dizendo em nota que o vestigio dos pés de Buddha é uma «indentation upon the summit of Adam's peak.» *Ibn Batutah* descreve o pé de Adão na ilha de *Serendib* (Ceylão) dizendo:

«La marque du noble pied, celui de notre père Adam, se voit dans une roche noire et haute, et dans un endroit spacieux. Le pied s'est enfoncé dans la pierre, de sorte que son emplacement est tout déprimé; sa longueur est de onze empans. Les habitants de la Chine y vinrent jadis; ils ont coupé dans la pierre la place du gros orteil et de ce qui l'avoisine, et ont déposé ce fragment dans un temple de la ville de Zeitoun (Tseu-thoung) où ils se rendent des provinces les plus éloignées.»

O Dr. Davy ¹ diz que a pégada de Buddha é «a superficial hollow five feet three inches and three quarters long, and between two feet seven inches and two feet five inches wide.»

O facto natural é pois uma depressão no alto do monte.

Das lendas que explicam esse facto só a buddhica tem importancia scientifica e historica. Deixemos pois de parte quanto o mahometano Masudi e o nosso chronista Osorio nos relatam da raça de Caim e dos tumulos de Adão e Eva naquella ilha; e vejamos como se explica em mythologia a origem da lenda.

¹ Apud *Sp. H.* «o. c.» pag. 212.

São mythos que se correspondem o mytho do cavallo do heroe e o mytho das pégadas divinas. Mas o cavallo do heroe, que o defende, que o aconselha, que bate mesmo e vence os inimigos do heroe, representa a força, a rapidez, a energia, a luz, a vida enfim; as pégadas divinas são o vestigio d'uns pés mysteriosos que não se conhecem, que ninguem viu, e que apenas ali deixaram sellado o testemunho da sua passagem depois do desaparecimento da divindade. Entre os Gnosticos as solas dos pés gravadas em pedras representavam a *morte*.¹

Os ultimos raios do sol atravessando o espaço e como que hictando com a força que arrasta o deus luminoso á pyra que o devora, os ultimos *pádas*, i-e os ultimos «raios», douorando as cumiadas dos montes e como que emergindo do abysmo, são os *pádas*, i-e os «pés» d'esse deus cuja tunica vermelha é o crepusculo e elle despe quando vaé morrer.

E ao meio d'esses *pádas*, «pés e raios», d'esses *pádas* de luz, vê-se ainda nos ultimos momentos o disco solar pela impressão que deixou na retina. A sua cor avermelhada é como que chaga sangrenta d'um cruel tormento.

Esses pés convergem mesmo um para o outro, sobrepõe-se e o deus dos passos largos, o deus dos tres passos, fica o deus de um só passo, e o deus de um só pé cujo tornozelo não se vê, ou como o explicam os Siamezes, cujo tornozelo está ao meio do pé, e cujos dedos são unidos como os de um *Gálapáda* os d'um *palmipede*.

Esta concepção tão singular do pé do deus tem grande

¹ C. W. King «The Gnostics and their Remains» Londres 1864.

valor, se a compararmos com a concepção de que o Buddha Tchakravartin tem o pescoço sem movimento independente do corpo e que olha sempre de face, sempre na mesma posição e tem de voltar todo o corpo quando volta o rosto.

É indubitavelmente a concepção anthropomorphica do sol. ¹

A complicação dos mythos, diz o meu mestre em Paris, o sr. Bergaigne, e dos ritos que são a sua imagem, resulta da combinação das observações naturaes com a idéa do culto na sua forma mais simples. O ritual vedico é a reproducção da mythologia vedica; e o dominio da mythologia vedica abrange a terra e o ceu. O mythologo, por consequencia, não póde explicar a mythologia vedica só pelo ceu nem só pela terra.

E de facto o ritual representa os phenomenos do mundo celeste, e o mundo celeste só conserva a sua ordem pela ordem do sacrificio. A ordem liturgica e a ordem comosgonica são interdependentes.

Dizia-me ha dias Adolpho Coelho: — «Jámais deve o mythologo esquecer que o céu, a terra e o mar se confundem quando o homem rudo explica os phenomenos da natureza; o que ha na terra ha no mar e o que ha no mar ha na terra, e o que ha no céu ha na terra e no mar.»

Partindo d'este principio de que já me servi nesta leitura, tento dar outra explicação das pégadas divinas no alto de montanhas.

¹ Cf. com toda esta explicação *Sénart* «Essai sur la légende du Buddha».

Ao monte de terra, altar levantado no lugar do sacrificio vedico, e a oriente chamava-se *vedi*. A *uttara-vedi*¹ é a *vedi* superior, culminante, é a *vedi* do fogo. Ao meio tinha um buraco a que se chamava *nábhí*, i-e «umbigo», onde se lançavam os bocados da carne e o *soma*, a bebida dos denses e dos sacrificadores, fermentada, combustivel, ás chammas do fogo do sacrificio.

Extincto este, morto *Agni*, ficam apenas os vestigios no lugar onde elle pousára, fica o *nábhí*, a cova aberta no cimo do monte mais alto como pégada unica d'esse deus que ali se extinguiu.

Assim o hymno 164 de *mandala* 1 do Rigveda diz na *ritch* 34

«Pergunto-te pelo fim mais extremo da terra; pergunto-te onde é o umbigo do mundo; pergunto-te pela semente do cavallo; pergunto pelo mais alto ceu da voz».

E na *ritch* 35 responde-se :

«Esta *vedi* é o mais extremo fim da terra; este sacrificio é o umbigo do mundo;² este *soma* é a semente do cavallo; este Brahmâne o mais alto céu da palavra.»

O meu professor em Munich, o fallecido dr. Martinho Hang, o orientalista que melhor explicou este hymno tão erigado de espinhosas difficuldades, e de problemas mysteriosos, não diz, em o estudo consagrado ao hymno e por elle proprio pouco antes de morrer publicado sob o titulo de «*Vedische Raethselfragen und*

¹ «*Kausika-sntam*» 137, apud «*Sanskrit Wœrterbuch*».

² Confronte-se a concepção grega de que o templo de Delphos era o centro do mundo.

Os buddhitas julgavam tambem que o centro do mundo era rigorosamente marcado pela arvore sagrada do templo proximo de Buddha Gaya.

Raethselsprueche»¹ o que seja o cavallo. Mas nem carecia. É a nuvem prolífica que pelas suas chuvas traz a fertilidade á terra, é ainda o cavallo de *Agni* ou o proprio *Agni*, o fogo celeste mensageiro do sacrificio ou conductor dos deuses para sobre o altar do sacrificio.

É prolifico, porque ao fogo celeste, ao raio, succede-se a *semente*, i-e. a chuva que torna a terra propria para a producção e que leva, como em differentes passagens dos Vedas se menciona, o fogo ao seio das plantas.

O mais alto ceu da voz é o Brahmâne, diz a ritch 35. E o Dr. Martinho Haug explica: «O Brahmâne de que aqui se trata é provavelmente apenas o Brahmá, presidente ao sacrificio; nelle se encontra toda a sciencia sagrada, todos os hymnos, sentenças etc., que só elle com a sua voz pôde entoar e fazer ouvir.»

A esta explicação posso ainda acrescentar: que o Brahmá presidindo ao sacrificio não era o mais alto ceu da voz senão como representante, na terra, do deus que fazia ouvir a sua voz no ceu. Esta voz é a *vágám-bhr ní*, a «voz da nuvem» cantada em o hymno 125 da *mandala x* do *Rigveda*, e no hymno 30 do *kánda iv* do *Atharvaveda*² É ella a voz que annuncia a vontade do deus; é ella a mensageira do ceu, a inspiradora porque revela a palavra sagrada, a mensageira divina de que fallam os *Rixis*, os poetas vedicos, e tambem Homero; é ella a que proclama a lei da ordem universal

¹ É um *Separatabdruck* dos «Sitzungsberichten der philosophischen und historischen Klasse der kœniglich baierischen Akademie der Wissenschaften zu Munchen» e tem por titulo subsequente áquelle «Uebersetzung und Erklærung des Dirghatamás Liedes, Rgv. i. 164.—Munchen 1876.»

² Veja-se a magnifica traducção de *Whitney* em os «Essays» de *Colebrooke*, vol. I, pag. 113.

anto cosmogonica como liturgica. ¹ É ella como a voz da sarça ardente, terrível e ameaçadora ; mas também suave e magica como o canto da flauta dos *Maruts* e de *Yama*. É ella que se faz ouvir, descendo sobre a terra, de lá de cima, do deva-sádanam da «morada dos deuses» aonde subiram os mortaes que ficaram immortaes, e onde correm a flux ondas de *soma* e onde echoam os canticos e as melodias da flauta divina de *Yama*, onde está a arvore de esplendidas folhas ².

E se recordarmos finalmente que em mythologia (árica, pelo menos), *arvore, montanha e altar*, são synonymos e espressões quasi identicas, fica assim plenamente conhecida a ligação do «cavallo do heroe» e das «pegadas do deus» no alto de montanhas, symbolos quasi inseparaveis na religião buddhica.

¹ *Rigveda*, I, 451,4,6 ; com I 3, 3.

² Cf. *Rigveda* X, 44, com X, 435.





CAMONEANA

101

B. N. L.

